

1929 - 15

11

REVISTA DO CENTRO MATO-GROSSENSE DE
LETRAS

ANO: 1929 – ANO: VIII - Nº 15

REVISTA DO CENTRO MATTOGROSSENSE DE LETRAS

ANNO VIII

JANEIRO A JUNHO DE 1929

NUMERO XV

Publicação Semestral



SUMMARIO

- Um Paladino do Nacionalismo — elogio de Couto de Magalhães
— *José de Mesquita*.
- A' Santa das Rosas — *D. Aquino Corrêa*.
- Rithmos novos — poesias — *Franclin Cassiano*.
- Barro de Adão — conto — *Cesario Netto*.
- Nisus Excelsior — *Cesario Prado*.
- D "A Epopéa mattogrossense" — sonetos — *José de Mesquita*.
- Reflorir — conto — *Oscarino Ramos*.
- Páginas dos Mestres:
A Rebenqueida — *Ruy Barbosa*.
- Páginas contemporaneas:
Duas Cartas — *Oscarino Ramos e Antonio Salles*.
- Páginas esquecidas:
Curupira — lenda cuyabana — *Maria do Carmo de Mello Rego*
- Páginas dos novos:
Trechos de um discurso — *João Ponce de Arruda*
- Relatorio do anno social 1927—1928
- Actas das sessões do "Centro"
- Bibliographia
- Publicações recebidas

JOSÉ DE MESQUITA

UM PALADINO
DO NACIONALISMO

Elogio do Doutor José Vieira Couto de Magalhães

Patrono da cadeira nº 4

proferido a 31 de Outubro de 1928



A ESCOLHA DO PATRONO



UANDO se fundou o Centro Mattogrossense de Letras e veio á balha, como uma das primeiras cogitações, a escolha dos patronos, confesso que a minha preferencia andou algum tempo oscillando entre Taunay e Couto de Magalhães.

A ambos me pñencia forte vinculo de sympathia e veneração: nas obras de um, como nas de outro, eu via espelhar-se, ao vivo, o amor á terra matto-grossense, a que ligaram, mais c'o que os seus escriptos, a sua propria vida.

Effectivamente, tanto o egregio carioca quanto o mineiro illustre, podem ser considerados mattogrossenses de coração, pois ambos se acham presos por liames de estreita affinidade a esta terra a que deram o melhor de suas energias, numa das phases mais agudas de nossa vida historica.

O presidente da Provincia e o engenheiro ajudante da expedição do Apa se equiparam no preclaro patriotismo, na dedicação sem par pelas cousas de Matto Grosso e entre o auctor d' "O Selvagem" e o d' "A Retirada da Laguna" se me balançava o espirito numa dessas perplexidades que chegam a ser angustiosas.

Foi nesse comenos que a predileccão manifestada por distincto confrade(1) a favor do Visconde de Taunay veio tirar-me de tão difficil situação.

Ahi tendes, pura e sinceramente, como Couto de Magalhães se tornou o patrono da cadeira nº 5.

VOTO DA MOCIDADE

De longe vinha o meu culto affectivo pelo emerito polygrapho cuja alta cultura até nos mais adiantados centros estrangeiros se fez conhecida e estimada.

(1) O Dr. João Barbosa de Faria.

Perdoae-me e não me increpeis si ainda aqui registro uma reminiscencia pessoal.

Dês que se vai entrando esta phase outoniça do existir, as lembranças são mais ternas e suggestivas e têm o saibo ineffavel das nossas fructas agrestes, levemente aciduladas na sua esquisita doçura.

Achava-me eu nessa idade nebulosa em que o homem aflóra da criança, mysteriosa e perturbadora quadra da adolescencia em que a alma omnisedenta tudo perquire, tudo indaga, tudo investiga, na ansia de saber, que é a deliciosa tortura dos jovens.

E vai um dia ocorre-me perguntar por que se chamava Couto de Magalhães a rua para onde pouco antes nos mudáramos.

Quem, afinal, fôra esse homem, que nem mattogrossense era, para merecer o seu nome numa placa de esquina, baptizando uma arteria da cidade?

—Foi um grande amigo de nossa terra, que nos fez muito bem, e a quem, por isso, se attribuiu muito mal, respondeu-me a pessoa a quem formulara a minha curiosa interrogativa.

Gravou-se-me para sempre, na nitidez de um vinco mental, a impressão daquellas palavras.

E, com ellas, uma grande, uma insopitavel sympathia por esse amigo de minha terra, que os teve tão poucos, no abandono da sua remota distancia e da sua desconhecida grandeza.

Mais realçou a sua figura aos meus olhos de moço—ó a mocidade sempre generosa e cavalheiresca! — a ingratição dos seus equevos, a injustiça com que lhe retribuiram os serviços a prol de nossa terra.

E da flagrante contradicção, do eterno contraste entre o bem que se faz e o mal em que se é tido, eu, no entusiasmo febril dos meus doze annos, jurei que havia de rehabilitar em nosso meio memoria tão nobre quão malprezada.

Em cada espirito de joven vive perennemente um heroe de Cervantes, cavalleiro andante do Bem, da Verdade e da Justiça.

Eu se me afigurava um campeão medieval, da Cavallaria do Sonho e da Belleza, lança em riste, viseira erguida, a desaggravar, em justas magnificas, a Dulcinéa dos meus ideaes.

Já não é o mesmo o sangue que me pulsa nas veias, mas os estos de ideal que me febricitam a alma são ainda os de vinte annos atrás.

Posto hajam as desillusões disparzido a sua nevada sobre o meu espirito, symbolizada nas cans que sobre a fronte me branquejam, é com a mesma vibração de outrora que, ao transpôr

as portas augustas da maturidade, cumpro, perante vós e mim, os votos dos meus dias mancebos.

Oxalá assim se realizassem, com esta mesma exacção de consciencia satisfeita, todos os desejos e aspirações que, na flôr vintaneira da vida, a Fada meiga da Esperança nos entremostra ás vistas e nos canta aos ouvidos, deslumbradas e attonitos!

PLANO DE ESTUDO

Muitos e mixtos são os aspectos sob os quaes poderia mostrar-vos a polymorphica personalidade de Couto de Magalhães.

Varios e variados os primas da sua vida, constituindo cada um de per si thema para um volume, antes que para uma simples conferencia.

Um, porém, o que de perto nos interessa, um, o que faz ao nosso proposito, um o que, entre os mais, avulta e se engrandece, um o que o torna a nossos olhos mais interessante, sempre novo, cada dia mais actualizado: é o seu aspecto de patriota, o seu prisma de nacionalista.

E é sob esta feição que pretendo encaral-o, fazendo ver, sobretudo na sua actuação em Matto Grosso, o elevado papel que lhe cabe na Historia brasileira.

E' elle assás conhecido sob outras faces prismaticas do seu formoso espirito.

Ao profundo cientista, ao operoso administrador, ao bravo militar, ao intransigente politico, não ha mister estudal-o, depois do que d'elle hão dito varões da estatura moral de Joaquim Nabuco, Aquino e Castro, Homem de Mello e Miranda de Azevedo, no Instituto Historico, bibliographos conscienciosos como Sacramento Blake, literatos da estampa de Affonso Celso e Arinos, curiosos pesquisadores da classe de Vampré e Alvaro Guerra, eruditos como Souza Pitanga e Roquette Pinto, para citar apenas os que me vêm á tona da memoria.

A mim se me depararia tarefa cyclopica apreciar-lhe, mesmo em synthese, toças as modalidades.

Ao astro de primeira grandeza não se lhe ha de sinão focar, no telescopio, um ou outro ponto da trajectoria lucida.

Não traçarei aqui uma biographia dessas que inçam revistas e annuarios, méras sequencias enumerativas de datas, sem um plano geral de estudo ou uma logica superior de coordenação. Não ousarei tampouco miudear a obra de Couto de Magalhães, assás

grande para estudada num bosquejo e pedindo, pelas suas proporções, vagares e talentos que, uns e outros, me fallecem.

Da sua obra escripta, uma só, "O Selvagem", por exemplo, ou a "Viagem ao Araguaya", divulgadas em francês, italiano, inglês e allemão, daria exhaustivas monographias de critica.

Quero estudar a sua vida, o seu espirito, o seu character, o seu temperamento, o seu coração. Nisso, a meu ver, está a sua obra-prima. Nisso, o seu exemplo luminoso ás novas gerações.

Evito dest'arte o ocioso palmilhar por terrenos já trilhados e, do mesmo passo, as perlongas extremas a que seria arrastado si me propusesse a fazer um ensaio analytico das obras do meu patrono.

Direi delle algo pouco sabido, episodios ineditos definidores do seu substracto moral, colhiços, aqui e ali, na tradição singela e espontanea do povo cuyabano, em cuja lembrança elle ainda vive num halo imperecível de saudade.

E, sobretudo, fixal-o-ei no seu verdadeiro e unico prisma, no qual, como no iris, se harmonizam e se resumem, em estu-penda fusão chromatica, todos os aspectos de sua empolgante individualidade — o seu nacionalismo.

NACIONALISMO E NACIONALISMOS

Ha, entretanto, distinguir, Senhores, entre Nacionalismo e nacionalismos. Ao passo que aquelle se arreiga no verdadeiro senso patriotico, se abebera no puro affecto á terra e á gente, busca, dia a dia, novos motivos de bemquerel-as no seu passado e no seu presente, vivem os segundos de uma ignobil exploração do sentimento que conspurcam para seu uso e gaudio, transfazendo o culto sincero do amor patrio em industria lucrativa e mercancia de interesses, pouco se lhes dando que pereça a nação dès que, socolor de nacionalistas, ganhem com agio os seus cultores na fallencia das instituições ou na bancarrota do país.

Tudo está em especificar esses matizes tão diversos do Nacionalismo e não confundir o joio com o trigo, nem tomar por arautos da Verdade os falsos prophetas que, sob a lan de cordeiro, trazem a pelle do lobo devorador.

Para uns, o Nacionalismo é ideal, é regra de viver, bussola de pensamentos e acções, linha directriz da vida, alta finalidade dos feitos como dos escriptos; para outros, o nacionalismo é

traficancia, é ganha-pão, é máscara dourada sobre face caveirosa, é caricata imitação de uma crença morta e de um amor que esconde os seus objectivos para cohonestar os meios de que se serve.

Vivem os primeiros para a Patria ou pela Patria; os segundos vivem c'ella.

De passo que áquelles o Nacionalismo inculca o dever do sacrificio, da abnegação, dos holocaustos supremos, a estes inculca-lhes o nacionalismo a noção de que o país lhes é pai e está na obrigação de os criar, de os alimentar, de lhes propiciar vida regalada, numa protecção vitalicia e ignominiosa da qual *sponte propria* se não emancipam, pois, mil vezes que a liberdade, preferem essa sujeição que os traz capitisdiminuidos aos olhos dos outros mas lampeiros e felizes aos seus c'elles.

Ha tamarha distancia entre o véro Nacionalismo e essas ridiculas contrafeituuras, que, posto acudam ao mesmo nome, não passam de verdadeiros contranomes, designativos de cousas oppostas.

Vai entre um e outros a abysmal separação que se nota entre a Religião pura e a superstição fanatica, entre a Arte classica e o artificio de saltimbancos de feira, entre o Amor sincero e os manejos de Tenorios de salão, entre a san Política e o azedo partidarismo, entre a Literatura consciente e as esteis pequices de critica de cafés.

O nacionalismo barato, o nacionalismo de pau-ôco, o nacionalismo de oiropelles, o nacionalismo de fachada, o nacionalismo mascateador e trampolineiro, esse, proscrêvamol-o do nosso espirito, pois, como os terrenos sáfaros e baldios, nada produz e si, uma que outra vez, abrolha em floração vistosa, não lhe procureis fructos, que os não tem, sendo mero engana-vistas, miragem de uma hora de sol.

O outro, o Nacionalismo de ouro de lei, o Nacionalismo de cerne, o Nacionalismo rijo, enfiado, revestido de coragem e de virtude, crystalizado em amor, indulgencia para os maus, justiça para os opprimidos, fraternidade, doçuras de mel e fortitudes de leão, esse, cultivemol-o, no imo d'alma, pois delle dimanam as nascentes puras da honra, do dever e da dignidade.

Um produz os jacobinos enfezados, os rubros chauvinistas, os bairrismo estreito, a imprensa escandalosa, as retalições da fama alheia pelos magarefes do jornal, a politicracia e a politica professional dos que traficam, conspurcam, exploram e adulteram o nome sagrado da Patria. E' a religião que arvora por dogmas o estellionato e a peita, por moral o egoismo e o "avança", syndicalizando a calumnia e erguendo a lisonja e o suborno á altura de instituições nacionaes.

Outro géra as mais nobres acções e os commettimentos mais bellos. Abre-se, como os campos e mattas do nosso altiplano, em flores de belleza moral, em fructos sacios e fecundos, em rijos empenos de troncos, em seiva pujante e viva, ao invés de cipós e parasitas rasteando e colleando pelas sombras.

Um deu-nos á Historia figuras sombrias e tetricas de lagos e Iscariotes da Patria, nomes que não ha lembrar nesta hora de glorificação e triumpho.

Outro produziu um José Bonifacio, um Feijó, um Peçro II, um Caxias, um Ruy, um Eduardo Prado, um Couto de Magalhães.

O VERDADEIRO NACIONALISTA

Couto de Magalhães foi, não ha duvidar, o paradigma do verdadeiro Nacionalismo, o archetypo do Nacionalismo são e constructor, do Nacionalismo consciente e desinteressado, do Nacionalismo que é fé nos destinos da Patria, esperança no seu futuro e amor ás suas tradições gloriosas.

Hoje que tanto se usa e abusa dessa expressão, que se canonizam, a cada passo, figuras de gesso ou cartolina, convertidas em heróes de bronze ou de marmore, enquanto se trata de apear do seu pedestal cimentado pelo trabalho as lidimas glorias nacionaes, nesse rebuscar de minucias em que se obliterou o verdadeiro senso historico, bom é que se inculque, na pessoa de Couto de Magalhães, o padrão do Nacionalismo sincero, digno de erigir-se como um dos pontifices do amor patrio, um dos progonos dessa reacção feliz e opportuna que ora sacode as consciencias, abrindo novos horizontes ao Brasil.

Desde a sua ante-vida, remontando-lhe além do berço, já iremos encontrar as raizes ávitas do seu Nacionalismo.

Da linhagem de Fernão de Magalhães, o heroico navegador lusiada, de quem disse Camões haver sido "no feito com verdade Português", veio Couto de Magalhães á vida na velha Diamantina, coração de Minas que é, por sua vez, o coração do Brasil, zona tradicional que representa para nós o que é a Bretanha para os franceses, a Irlanda para os anglo-saxões, o Lacio para os italianos, fóco de lendas, irradiador de tradições e nossa estupenda reserva racial.

Em uma das mais lindas paginas da sua obra acmiravel, evoca-nos Oliveira Vianna, com acuidade de visão e finura de sensibilidade, a "Minas do lume e do pão" que mantem, nos dias agitados de hoje, a physionomia "de um Brasil patriarchal, de que

falavam os nossos avós, conservando ainda, quasi intactos, esses nossos antigos costumes, tão cheios de penetrante poesia que a civilização dos litoraes, na sua expansão incoercível, vai rapidamente destruindo." (2)

A ambiencia e a ancestralidade prefaçaram, desde as faixas do berço, o nacionalista no filho do historico arraial do Tijuco.

Seu avô materno, tambem diamantinense, o celebre naturalista José Vieira Couto, foi um sabio a quem muito deve a sciencia em nosso país.

As memorias que escreveu, todas versantes assumptos nossos, trahem o seu profundo amor á terra natal e, mais do que essas demonstrações de puro mentalismo, fala o episodio relatado por um dos seus biographos de haver pedido, antes de morrer, que o enterrassem á sombra maternal de uma arvore, na sua fazenda do Gavião, dez leguas fóra de Diamantina.

Vinham-lhe de longe, pois, nas influencias atavicas, no sangue herdaço, nas cellulas nervosas, na estructura physica e psychica que se completam, os pendores nacionalistas.

E Couto de Magalhães não desmentiu aos seus maiores: foi toda a vida o prototypo do nacionalista consciente, daquelle que o é por força do passado, desse nacionalismo sadio que se alicerça na tradição e na historia.

O seu bello programma consubstancia-se naquellas paginas formosas da conferencia anchietana — o canto de cysne de seu patriotismo acendrado — a restauração da brasilidade deturpada pelos feios exotismos.

Brasilidade na musica e nos cantos populares, pugnando pela adopção do cateretê, do rude versejar dos "Homeros do povo", da viola ou guararápeva, a exemplo dos ingleses que, nos seus ricos solares, dançam muito nacionalisticamente o scotisch-gig, simples bailado popular.

Brasilidade, como a queria Eduardo Prado, na indumentaria, no mobiliario, no phraseado, nos costumes e nas letras.

Brasilidade como a pregou Bilac, como a praticou Rio Branco, como a inculcou, pelas palavras e pelo exemplo, o grande Ruy.

Assim a queria Couto de Magalhães, cuja obra e cuja vida se norteiam por um ideal primordio, que se poderia compendiar neste lemma, muito mais expressivo que o de Joaquim Murтинho, porque em vez de visar uma fórmula de governo, cousa caduca e precaria, mira a propria nação, que desejamos immortal e imperecível: — abrasileiremos o Brasil!

(2) Pequenos Estudos de Psychologia Social, pag. 55.

O Nacionalista nos escriptos

A PRIMEIRA FLORAÇÃO

PERLUSTREMOS o nacionalismo de Couto de Magalhães á flor das suas obras literarias. Estudante de Direito, na velha Faculdade paulista, Couto de Magalhães já se nos revela, nas primeiras manifestações da sua intelligencia, o que seria na sua fulgente carreira publica — o devoto apostolo do nacionalismo.

Os seus primeiros ensaios versam themas nacionalistas, assumptos historicos colhidos entre interessantes episodios da vida brasileira.

Tinha vinte e tres annos quando publicou "Os Guayanazes" — conto cujo entreccho se prende á fundação de S. Paulo (3).

No prologo epistolar, endereçado a Homem de Mello, confessa haver escripto esse trabalho "aos trambolhões e ás carreiras," evocando a sua vida de estudante, que diz ter continuado a ser a mesma "com a differença que a confusão e o labyrintho já não eram tão alegres."

Chronologicamente, não é esta a primeira obra de Couto de Magalhães, que, no mesmo anno, publicara as suas theses de formatura, para obter o grau de doutor, seguidas da Dissertação, cujo thema era: "Poderá o Bispo em sua Diocese suspender um sacerdote do exercicio das suas funcções administrativamente sem as formalidades do Juizo?" (4)

Na "Revista da Academia de S. Paulo", por elle fundada e redigida, com Joaquim Augusto de Camargo, outros ensaios seus vieram a lume: "Destino das letras no Brasil", "Traços biographicos dos poetas academicos" e "O estudante e os monges" novella em estylo quinhentista, com que pôs de manifesto os recursos do seu malleavel talento literario.

Segue-se "Um episodio da Historia Patria," publicado na Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em 1862, no qual tomou por objecto a revolta de 1720, em Ouro Preto, que teve como protogonista Felipe dos Santos, chronologicamente o primeiro libertario do Brasil.

(3) Edição da Typ. Imparcial de Joaquim Roberto de Azevedo Marques.

(4) As theses fórman um fasciculo de 11 pags. impresso na Typ. Literaria e a Dissertação um de 14, editado na Typ. Imparcial, ambos em 1860. Posuo um exemplar desse curioso trabalho, primeiro na ordem de antiguidade publicado pelo meu patrono.

E' ainda esta uma obra de ardoroso nacionalismo, de exaltação das nossas glorias preteritas e confiança em nosso porvir.

Si a primeira é uma novella de intensa emocionalidade, com paginas delicadissimas que lembram o Chateaubriand de *Atala* ou o Lamartine de *Graziella*, tal o idyllio de Ina e Caá-Ubi, a segunda já entremostra o pensador, o liberal, o homem de governo, pois, de entremeio á narrativa, avultam conceitos felizes e opportunos acerca da arte de governar (pags. 521 e 522), do espirito critico (pag. 528), das miserias do servilismo (pag. 530) e outras.

Um dos mais lindos topicos desse ensaio é, por sem duvida, aquelle em que descreve o viver dos bandeirantes:

“Andavam ordinariamente a pé, em magotes de dez e vinte pessoas, a viagem era traçada pelo sol, o caminho era o trilho das feras; os rios caudalosos eram transpostos a nado, as serranias eram assoberbadas, quando cortadas a pique, por escadas de cipós.”

Laudas como esta tendel-as muitas nos livros do notavel diamantinense, tão profundo nos juizos como claro no estylo em que os enunciava.

Os seus livros são todos paginas evocadoras da grandeza historica ou geographica, moral ou physica de nossa terra, palimpsestos em que, como nos papyros de antanho, em illuminuras douradas, resplende e avulta a gloria do Brasil. (5)

OBRAS DA MATURIDADE

Essas são as obras da mocidade, a florada primeira do seu talento.

Com a “Viagem ao Araguaya”, publicada em Goyaz, em 1863, abre-se o cyclo das obras da virilidade, os trabalhos scientificos e technicos, de feição accentuadamente pratica.

Fique dito, de passagem, que feição pratica ahi vai na lidima accepção do termo, pois tudo hoje se corrompe, até a linguagem, a tal ponto que se não pode usar uma palavra, sem que se lhe apponha nociva pejoratividade.

(5) De “Os Guayanases, obra curiosa de cunho romantico, mas de fundo real, foi tirada, em 1902, segunda edição com o nome” “Os Guayanás” adoptado pelo auctor, a quan lo da publicação em folhetim n’ “O Commercio de S. Paulo” em 1897.

Si os primeiros escriptos revelavam o novellista, o imaginativo, os outros são estudos serios e penetrantes das realidades brasileiras. (6)

E o "Ensaio de anthropologia", surgido no Rio, em 1874, que veio a constituir "O Selvagem", obra classica de ethnographia, indispensavel ao estudo do autochtone brasileiro e que aos mais abalizados americanistas mereceu rasgados gabos. (7)

E' o "Curso de grammatica Tupy", as "Memorias sobre as colonias militares" a "Memoria sobre o amansamento do selvagem", apresentada á 4^a Exposição Nacional, e, por fim, a Conferencia sobre "raças e linguas indigenas", toda ella um hymno vibrante ao nosso país, a mais bella e cálida profissão de fé e amor á Patria. (8)

De par com as obras, fôra de arrolar ainda os seus relatorios, verdadeiras monographias exhaustivas, percutindo problemas, suggerindo-lhes soluções, longe do esteril estylo official, constituindo, ao reverso, interessantes memorias elucidativas de assumptos nacionaes.

No jornalismo, que tambem perlustrou, norteava-lhe a acção o mesmo ideal nacionalista, bussola de sua vida, imantada sempre pelo amor ás cousas brasileiras.

Desde os aureos dias academicos, quando orador do "Ensaio philosophico" redactor d'"O Guayaná" (1856), d'"A Acaçemia", e da "Revista da Academia" e collaborador c'a "Revista Mensal", já se affirmava "um dos mais bellos talentos do seu tempo" (9), o seu espirito, avesso a bohemia em vóga, procurava, de preferencia, o convivio instructivo dos antigos, como o cura Marcellino, o padre Anselmo, Pires da Motta e outros, com quem hauria as lições fecundas do passado, unicas per si capazes de preparar um seguro porvir.

(6) Da Viagem ao Araguaya tambem se extrahiu edição definitiva em 1902 na Typ. Espindola, Siqueira Cia. de S. Paulo, sob direcção de J. Couto de Magalhães e Couto de Magalhães Sobrinho, aos quaes muito deve a memoria do egregio brasileiro.

(7) Tem 2^a edição de 1913; a 1^a é de 1876.

(8) Existe colligida em volume, edição Aillaud de 1900

(9) Vampré — Memórias para a Historia da Academia de S. Paulo, I, 463

O Nacionalista nas Acções

O ADMINISTRADOR E O POLITICO

Aqui deveria entrar um capitulo exhaustivo e algo sáfaro, que teria por fim analysar o meu patrono em sua actuação politica e administrativa nas provincias que lhe foi dado presidir, fazendo resaltar, em alto relêvo, através dos seus actos, documentadamente, o seu nobre nacionalismo.

Tarefa aliás, facil me fôra, afeito que me sinto ao doce ambiente dos archivos poérentos em que, ciosamente, os historiadores e os leptidoteros se disputam a posse dos alfarrabios em que dorme o Passaço.

Quer-me parecer, porém, excusado o esforço nesta circumstancia.

O estudo do governo Couto de Magalhães nas provincias que regeu — Goyaz, Pará, e S. Paulo — deve estar feito por proficientes historiographos regionaes.

Da sua administração em Malto Grosso, num dos periodos mais difficeis, si não o mais difficil de nossa vida politica, não ha mister encarar, para resaltar lhe a fibra nacionalista, mais do que dois aspectos relevantes que vem de molde ao nosso thema: a navegação do Araguaya e a defesa da provincia contra os invasores.

De resto, fôra difficil, impossivel mesmo, digamos, synthetizar no ambito de uma conferencia que, mau grado o meu grande trabalho dinamizador, já vai sahindo prolixa, toda a vida publica do immortal brasileiro.

Basta salientar as suas nobres attitudes ao entrar e ao sair da carreira politica. Desmentindo a proverbial “entrada de leão...” Couto de Magalhães sahiu da politica, como nella entrara: puro e illibado.

Recusou, de uma feita, a presidencia de Minas, sua terra natal.

Ao ser proclamada a Republica, presidia, na situação liberal inaugurada por Ouro Preto, a provincia de S. Paulo.

A sua digna e recta conducta, nessa emergencia tremenda do ruir de um regime e do erguer-se de uma situação reaccionaria, foi objecto de commentarios inexactos, que deram, felizmente, ensejo a Couto de Magalhães Sobrinho de restabelecer, a oiro e fio,

com elementos seguros, a verdade historica dos factos. (10) Só não resistiu, porque não era possível. Caiu, porém, de pé, sem um arranhão na sua dignidade. (10) E voltou, nobremente, sobranceiramente, á vida particular, de que não mais se afastou, fiel ás suas convicções monarchistas.

Póde-se resumir a sua vida pública neste conceito feliz de Affonso Celso: " Sua reputação sahi illesa de tudo. Não se lhe acoima um desses actos impensados ou infelizes que estigmatizam a carreira de um estadista. Em toda parte, deu mostras de justiça, energia, iniciativa, tenacidade, economia, amor ao trabalho" Que formosa synthese, que magnifico programma de acção offerece, nestas curtas palavras, o estadista do antigo regime aos nossos estadistas republicanos e democraticos!

O ARAGUAYA

O Araguaya foi o grande sonho de Couto de Magalhães, o supremo objectivo dos seus actos como administrador das provincias de Goyaz, Pará e Matto Grosso.

Sonho bellissimo, grandioso, extraordinario, que o fez passar entre os seus contemporaneos por um utopista, um visionario, quasi um demente.

Era, apenas, um estudioso dos grandes problemas nacionaes, buscando dar-lhes solução adequada e propicia.

Tal, porém, o estado dos espiritos neste país, que os melhores projectos de interesse geral são levados a chasqueio e só despertam entusiasmo quando tragam vantagem individual e immediata.

Vivemos no dominio da abstracção no que toca aos vitaes interesses do Brasil e só temos olhos de ver e ouvidos de ouvir assumptos de peculiar e personalissima vantagem.

Desse estado de psychose collectiva que Alberto Torres, um dos nossos pensadores incomprehendidos, objectivou, em estupenda retentiva, no seu folheto "As fontes da vida no Brasil" resulta o daltonismo que nos faz vêr com absoluta indiferença os "problemas brasileiros," ao passo que focalizamos com microscopica penetração os "problemas do brasileiro."

() Araguaya é uma das grandes equações ainda não resolvidas do progresso nacional.

(10) Ver a respeito na Rev. do Ins. Hist. e Geog. de S. Paulo, vol. X (1905) "O meu papel no advento da Republica em S. Paulo" do Cel Henrique Affonso de Araujo Macedo e a fulminante replica do dr. Couto de Magalhães Sobrinho, na mesma Revista, vol. XI.

É um problema político, um problema técnico, um problema histórico, que, afinal, tudo se reduz a um problema econômico, um desses vastos problemas como os que, no ponto de vista paulista, estudou, em obra notável, Cincinato Braga.

Problema como o saneamento, o Nordeste, a expansão siderúrgica, o rotoviarismo, a desafiante acção persistente dos governos, valendo, cada um de per si, todo um plano de administração pública.

De longe vinha o grande rio lestinho preocupando os homens de responsabilidade em nossa terra. Dês que se abandonára o caminho dos rios e a era gloriosa das monções se encerrou com o cyclo d'ourado do bandeirismo, dês que a civilização, inflectindo seu rumo para a zona planáltica, abriu a era das "tropas eboiadas" que em Carvalho Ramos encontrariam o seu aedo, — já o Araguaya entrou na cogitação dos nossos homens de Estado.

Luis d'Alincourt, a quem devemos o mais consciencioso balanço das possibilidades e realidades de Matto Grosso nos começos do século passado, assim se exprimiu concisamente acerca do assumpto:

"Quanto para o Cuyabá é interessante o canal do Araguaya!" (11)

Couto de Magalhães não era homem para se persuadir da vantagem de um projecto e quedar-se na pura e extática idealização platónica.

Convicto do alcance que a navegação do grande rio teria para o progresso das provincias que elle une menos que separa, não lhe vereis demora no acommetter de sobremão o seu gigantesco plano.

Sonho de titan, heraclia fantasia, maravilhosa chimera realzada a golpes de vontade mascula, o Araguaya com a navegação inaugurada pelo presidente Couto de Magalhães, em curtissimo prazo e com diminutissimos recursos, serve de mostrar á indolencia e á descoragem dos vencidos, que si "a imaginação é o sonho do homem acordado", a fé e a vontade realizam, nesta epoca prosaica, o milagre biblico de transportar as montanhas.

A historia da navegação do Araguaya, emprehendida e realzada por um só homem, é uma das nossas epopéas nacionaes, digna de figurar ao lado "de Guararapes", das "bandeiras", do "abolicionismo", de "Palmares" e outras tantas paginas de heroismo.

Vale um poema consagrador.

(11) Resultado dos trabalhos e indagações estatísticas, Annaes Bibl. Nac. Vol. III.

Pouco faz que lhe não desse vida a falta de continuidade—o grande, o eterno mal irremediavel das nossas ac'ministrações.

O que se fez, por si só, testifica, a par do valor do homem que o realizou, as qualidades nativas da raça brasileira, que em Couto Magalhães teve um dos seus super-homens.

Não ha aqui espaço nem tempo de modo que se pudesse analysar o trabalho constante, proficuo, systematizaçõ de Couto de Magalhães, em Goyaz, no Pará e em Matto Grosso, visando a grande finalidaçẽ que se consubstancia naquella pagina para todo o sempre memoravel, que é a "acta da inauguraçãõ da navegaçãõ a vapor do rio Araguaya", a 28 de Maio de 1868.

Couto de Magalhães assigna-a como presidente de Matto Grosso, parecendo que a Providencia quis conferir á nossa terra essa gloria de haver promovido um dos maiores surtos de energia brasileira.

Foi á margem esquerda do grande rio, portanto em terras de Matto Grosso, que se realizou a solemnidade, a que assistiu o Presidente de Goyaz, João Bonifacio.

Lançada a bençãõ pelo capellãõ do presidio de Leopoldina o *Araguay-nerú-assú*, que recebeu no baptismo christão o nome de *Araguaya*, destilou sobre as aguas mansas do rio, sob o commando de Balduino de Aguiar, levando a bordo a illustre comitiva.

Aquella scena representava o epilogo de uma odysseá memoravel e pela mente do heróe perpassariam, naquella hora de triumpho, os episodios todos da lucta prolongaça.

Leite de Moraes, em seu interessante opusculo "Apontamentos de viagem" (12) reconta singela e significativamente o que foi o transporte do vapor adquirido em Cuyabá e levado através de mais de cem leguas de sertão, onde apenas os indios e as onças alternavam a sua fereza:

—« O illustre Couto de Magalhães o comprara em Cuyabá, e como transportal-o a 150 leguas por caminhos abertos pelo facção do sertanejo, subindo e descendo a serra da Chapaça ou de S. Jeronymo, atravessando o sertão povoado de indigenas?

Appareceu-lhe um homem que disse-lhe um dia: - "Si *você* quizer eu levo e *tóto* esse vapor no Araguaya."

Couto de Magalhães que já o conhecia contractou com elle o transporte do seu vapor.

Desmontal-o e collocal-o em pedaços no carro do intrepido sertanejo, foi a cousa mais facil deste mundo, e o resto?

(12) Pag. 93

O resto corre por conta do audaz paulista que diz — é possível— quando todos lhe bradam— é impossivel!

E o Capitão Gomes, com uma *boiada* em cada carro, enfia a sua caravana pelo Sertão, sobe e desce serras, atravessa rios, recebe os ataques dos indigenas, que o perseguem por muitos dias, e defende-se, e, após meses de trabalho insano, gigantesco, desesperado e horrorosamente pesado, chega na sua fazenda, levanta, o estaleiro, e com o machinista que o acompanhava, arma o vapor e o atira nas aguas de Araguaya!

Eis um admiravel e grande feito!”

Da fórma pela qual fez o presidente a sua viagem de Cuyabá ao Araguaya, ha pouco me foi dado ouvir viva narração de velho veterano, praça que foi do 50º de voluntarios, (13) que o acompanhou nessa jornada. O percurso se fez por agua até o alto S. Lourenço. Dali, a pé, dando sempre Couto de Magalhães o exemplo da resistencia, á frente da expedição, composta de 15 praças e do cabo Barbosa, pretote de confiança do General, que dirigia o serviço de “rancho”.

Couto de Magalhães ia caçando pelo caminho, tendo chegado a matar uma onça.

Atirava ao vôo admiravelmente.

Não se forrava a serviço algum, trabalhando naquillo que se fazia mister.

Dos que o acompanharam, nove regressaram do Araguaya e seis ficaram com elle, fazendo todos bôa carreira, graças á protecção do General.

Justino—o meu informante—muito se arrependeu de ter voltado.

E, ao concluir a sua historia, numa synthese expressiva, assim definiu o querido chefe:

—Homem bom como aquelle estou por ver... Bondade, chegou ali parou.

Representa mais para a memoria de Couto de Magalhães do que todos os elogios academicos esse singelo depoimento do velho voluntario da Patria.

A DEFESA DE MATTO GROSSO

Si nos prelios magnificos da paz e do trabalho, nas batalhas incruentas da industria e da civilização, Matto Grosso tanto deve ao seu ex-presidente, não menor lhe é a divida de guer-

(13) Justino Rodrigues de Carvalho, que vivia aggregado ao sitio *Amaro*, da familia Corrêa da Costa, fallecendo em meados de 1928.

ra para com o heroico defensor do seu territorio talado pelo inimigo.

Ainda não completara vinte e nove annos quando a Carta Imperial de 22 de Setembro de 1866 o investiu na presidencia da Provincia.

Não ha admirar da sua precocidade, sabendo-se que, com 23 annos, era nomeado governador de Goyaz, a primeira provincia que lhe foi dado gerir.

Atravessava Matto Grosso uma das phases mais melindrosas da sua vida historica.

A guerra com o Paraguay, deflagrada pouco antes, tivera o seu scenario primeiro no territorio da provincia, cuja zona sulina quasi toda cahiu, ao primeiro lance, nas mãos do invasor.

Os formidaveis cheques de Coimbra, Dourados e Corumbá, si revelaram, em poucos dias, o heroismo do soldado brasileiro, tornaram manifesto, por outro lado, a esmagadora superioridade numerica do inimigo e o completo desaparelhamento das nossas tropas.

O terror, a consternação, o panico imperavam no seio do povo, a braços ainda com o espectro aterrador da fome e da miseria.

A especial posição topographica da Provincia, o seu isolamento no centro do país, a diminuta população, o imprevisto do golpe contra ella desferido, complicavam e aggravavam a situação e a responsabilidade dos que devessem dirigir-a em tão criticas conjuncturas.

Era mister dar um substituto a Carneiro de Campos, cujo aprisionamento, a bordo do *Marquez de Olinda*, fôra o rastilho que fizera explodir o grande incendio.

Tres figuras notaveis da nobreza e das armas do Imperio haviam sido designadas para o altissimo posto: o visconde de Camamú, o Coronel Drago e o general Galvão.

Falleceram o primeiro e o ultimo antes de chegar ao termo da viagem; o segundo só attingiu o Triangulo Mineiro.

Sobre a cadeira presidencial de Matto Grosso pairava, como espada damocliana, o peso ameaçador da fatalidade.

E' então que Pedro II, para substituir os generaes da velha guarda e os grandes do Imperio, nomêa um doutor em direito, recémformado, pouco mais que um moçoilo.

E o presidente - menino, como ironicamente o chrismara a opposição conservadora, sem receio nem vacillancias, surprehen- de o país com o seu tino politico e a sua tactica militar, qual si fosse antigo conselheiro de Estado ou official de alta patente, que

os prolongados estudos de gabinete ou a peleja das batalhas enrijaram e fortaleceram.

Diplomata consummado, impede, em trabalho habil e occulto, o receado contacto de Melgarejo, dictador da Bolivia, com os lopiztas, e valendo-se dos optimos serviços de João Carlos Pereira Leite, senhor da Jacobina, frustra o plano dos inimigos do Brasil.

Estratega perfeito, organiza e chefia a expedição que, num prestissimo, a 13 de Junho de 1867, reconquista Corumbá, a chave do Sul, do poder paraguayo e promove, efficientemente, a defesa da Capital.

Longe de permanecer arredado do palco da lucta, como só em fazer os chefes, vai em pessoa, á frente da heroica flotilha de canôas, da gloriosa monção da victoria, e, nos Dourados, aguarda, sereno e confiante, o heroico feito d'armas.

Commanda, ao depois, a retirada, ante o perigo da contaminação variolica, já dizimando as forças do Sul.

Tal risco não no pôde evitar, mas empregou os meios aconselháveis de prophylaxia e combate ao virus epidemico.

Ao passar o governo, em 1868, ao vice-presidente Albano de Souza Osorio, outras eram as condições da Provincia.

O nivel moral dos espiritos se erguera com a retomada de Corumbá, que pôs a cavalleiro o Norte, periclitante.

Em pouco mais de um anno, Couto de Magalhães nos reafirmara na posse de nós mesmos, de que nos achara despojados.

E si o terrivel mal das bexigas veio enluctar Cuyabá, quintando-lhe a população, no auctorizado dizer de Melgaço (14), não poderá esse facto diminuir os louros dos heroés de 1867, a cuja testa, por sem duvida, colloca a posteridade justiceira o organizador da reconquista.

E quando o Governo Imperial, reconhecendo-lhe os serviços, o quis galardoar com o baronato a que se ligaria o nome glorioso de Corumbá, a cidade reintegrada ao patrimonio brasileiro, Couto de Magalhães, num gesto de desprendimento, recusou a investidura nobilitaria.

E' que elle era, sem embargo das arraigadas convicções monarchicas, um grande, um verdadeiro cultor da lidima democracia, dessa que distinguiu o proprio Pedro II, e que reside menos nas palavras inanes do que nas acções fecundas.

(14) E' o calculo do Barão de Melgaço, no relatorio de 1869, no qual não parece haver exaggero.

Outros Aspectos do Nacionalismo

A CRENÇA RELIGIOSA

Uma das faces em que mais transparece a característica inconfundível do vero nacionalismo é, em que pese á dissidência dos pseudo-emancipados, a crença religiosa. Querer ou não, nada contribuiu e contribue tanto á unidade nacional como a unidade da fé, a paridade de credo e de moral. Essa estupenda "cadêa de bronze" em que Latino Coelho viu, a par da unidade de idioma, o élo da raça através dos seculos, é o que forma a verdadeira alma collectiva dos povos.

E' ella que liga o brasileiro de hoje aos povoadores do seculo XVI, na mesma identidade de idéas, erigindo a cruz por symbolo indefesso da nacionalidade, como foi o padrão de posse e é o sinete luminoso gravado no céu, no cruzeiro das nossas noites tropicaes.

E' ella que associa, no mesmo gesto, o brasileiro deste seculo, elevando, no alto do Corcovado, a imagem do Christo, santelino augusto a proteger-nos contra as tormentas, e o brasileiro do anno de 1500, vendo erguer-se nas mãos de Fr. Henrique, o mesmo Christo, no mysterio da hostia immaculada do sacrificio, naquella scena que Meirelles painelizou para a immortalidade.

Brasileiramente catholico, Couto de Magalhães não abjurou jamais a crença ancestral, não se deixou enlevar pelo alchime das philosophias da moda, e como Nabuco e Eduardo Prado, seus irmãos de progenie espiritual, soube, na fidelidade innata da sua alma, conservar, ao lado da coherencia do seu credo politico, a firmeza das suas convicções religiosas.

Na reversão do regime continuou, como poucos, fiel ao velho Bragança, a quem o Brasil deve meio seculo de ordem e de progresso.

Assim, no cahos dos systemas, ante a invasão do comtismo, do spencerismo, do materialismo hækeliano, elle que não era um jéca ignorante, e sim um espirito alumniado, lido em Plató e apaixonado pela philosophia, conhecendo, a fundo, os pensadores franceses, ingleses e, sobretudo, os allemães, seus predilectos, (15) não deixou a crença que lhe herdaram os seus

(15) Homem de Mello—Memoria lida na Sessão de 14 Outubro de 1898, no Inst. Hist. Brasileiro in Rev. LXI, II, pag 100.

antigos e, mau grado os duros revezes da vida, que, no fim, lhe foi amarga e adversa, condensou o seu credo nacionalistico nestas palavras profundas e sinceras:

— “Eu não acredito que a influencia do clima seja tão decisiva á humanidade. Creio na Providencia Divina e, como consequencia, creio tambem que o destino de um povo não está sujeito ao maior ou menor gráo de calor que possa existir na athmosphera”. (16).

O nome de Deus é sempre o timbre sagrado com que fecha os seus escriptos. Não dissimula, não acoberta, não nega a sua fé.

Antes corajosamente, numa quadra de camaleonices e tartufismos, a exhibe de praça, no desassombro de quem julga ter comsigo a verdade.

E ao aproximar-se do “ paiz do somno e da ventura ”, batido pelos rudes vendavaes do infortunio, perseguido injustamente pela politica florianesca como perigoso reaccionario, cujo crime fôra apenas a sua caridade para com os vencidos, trahido por aquelles a quem servira nos dias do fastigio, negado até o seu equilibrio mental, Couto de Magalhães não se lhe entibiou a crença no meio dos mais rudes padeceres e, já no leito de agonia, no Hotel Bôa Vista, disse, quando lhe perguntaram si queria receber o viatico que conforta na hora tremenda da partida:

— «De bom grado, eu nunca fui materialista. (17)

A BONDADÉ

Couto de Magalhães não foi, apenas, um grande espirito, uma intelligencia privilegiada, um character de velha tempera.

Foi, sobretudo, coração, um immenso coração, um desses corações hypertrophiados pela bondade, um maniroto do bem, a que se poderia dar por divisa “ cor super omnia ”, pois que nelle as qualidades sensitivas superavam as intellectivas.

Nutriu-se, como bem poucos, desse “ leite da ternura humana ” de que fala o grande tragico de Macbeth.

Varios episodios pontuam-lhe a vida, desde os mais verdes annos, denunciativos dessa innata bondade.

Estudante, — conta-o Spencer Vampré em suas preciosas “ Memórias para a Historia da Academia de S. Paulo ” -- “abriu um curso de philosophia, no mosteiro de S. Bento, onde as suas explicações obtiveram grande exito, especialmente pelo methodo e cla-

(16) — Um episodio da Historia Patria.

(17) Af. Celso — José Vieira Couto de Magalhães-no Album Imperial de 5 de Agosto de 1908.

reza com que expunha os mais abstrusos conceitos de Hegel e de Kant”.

Ao lucro auferido do curso dava o mais nobre destino : auxiliar os seus condiscipulos pobres, facilitando-lhes por esta guisa os estudos academicos. (18)

Mais tarde, na carreira publica, jamais desmentiu os seus sentimentos da mocidade.

A sua *facies* moral se integrava, a par com a bondade nativa, por uma franqueza quasi rude e uma completa superioridade de animo, que o tornava inaccessible a intrigas e inclinado sempre á conciliação e á tolerancia.

O longo conviver em contacto com a Natureza e com os sertanejos simples e francos, deve ter contribuido, alem do pendor natural já vindo da raça e do temperamento, para formar-lhe a curiosa psychologia.

Em Cuyabá foi muito guerreado pelos conservadores.

Exploravam contra elle até os seus habitos particulares, que o faziam um tanto esquisito, descuidado de protocollos e deveres sociaes. A sua paixão eram as pescarias e as caçadas, sobretudo as primeiras, pelas quaes tinha verdaçeiro encantamento.

Ainda nisto o seu nacionalismo sincero se põe de relevo no ingenito amor á natureza, aos costumes simples do povo, á vida livre e sacia do sertão.

Não lhe poupavam os adversarios politicos as excentricidades do homem.

Incriminavam-lh'as duramente, assetteando-o de remoques pela bôca de Moutinho, um dos symbolos dessa opposição desregrada, que devassa, impiedosamente, até a vida intima dos seus contrarios. (19) O P. Ernesto, por outro lado, atacava-o pela “A Situação,” de parceria com os dignitarios da epoca (20).

Um episodio, entretanto, mostra ao vivo o seu espirito bonachão e tolerante, a maneira superior e impessoal por que entendia e fazia a politica.

Entre a direcção do partido liberal, confiada a Aguapehy, e o presidente surgira uma desintelligencia em torno da escolha de um candidato a deputado geral.

(18) Vampré, I, 464

(19) Moutinho chega a comparal-o a um celebre bandido *Cama quente*, muito popular em Cuyabá naquella epoca. Lêa-se a Noticia pag. 177, e passim.

20) É interessante acompanhar a polemica desenvolvida, após o governo, entre o P. Ernesto, nos discursos do Parlamento (1861), e C. de Magalhães. A's accusações daquelle, muitas de *lana caprina*, revidava este pela imprensa galhardamente.

Diante da teima revelada pe'o Barão, Couto de Magalhães, que prestigiava abertamente um outro candidato apresentado pelo centro, disse-lhe, na ultima conferencia que tiveram:

— Bem, Sr. Nunes, o partido liberal recusa o candidato. Está no seu direito... Eu, tambem no meu direito, vou mandar chamar o Cerqueirinha — o Cerqueirinha era o chefe conservador, depois Barão de Diamantino — para vêr: si elle quer fazer a eleição...

Excusa dizer que ali mesmo desapareceram os ultimos escrupulos do chefe liberal e ficou assentada a candidatura patrocinada pelo presidente.

Numa das provincias que administrou, certa vez, no intuito de hostilizar-o, o bispo, seu adversario, determinou que se não dêsse o repique de sinos á sua chegada, como era de costume.

Couto não se incommodou. No começo do mês seguinte, quando o bispo mandou receber a congrua na thesouraria provincial, foi-lhe dito que não havia dinheiro.

Percebeu o Prelado partir de Couto de Magalhães aquella ordem, á conta de despique.

Mandou saber si estava suspensa a congrua por ordem do governo imperial, ao que respondeu Couto de Magalhães: —

—“Sim. Emquanto continuar o presidente sem repique, hão de ficar os bispos sem congrua”.

No dia seguinte, a passar pela igreja, houve--diz a chronica--repique em tresdobro e o incidente acabou jocosamente, reconciliando-se o presidente e o bispo.

Casos dessa natureza ha muitos, illustrando o caracter e o temperamento do nosso homenageado.

Citarei dois typicos, occorridos na presidencia de Matto Grosso, nos quaes mais exhubera a feição generosa e longanime do seu coração, ao qual bem se pôde ajustar o lindo verso do poeta:

Si soubessem os maus que é ideal
o bem que a gente sente em fazer bem,
não havia no mundo mais ninguem
que, mesmo sendo mau, fizesse o mal!

A MÃE DOS RECRUTAS

Era ao tempo da guerra, da terrivel campanha lopezguaya que, por todo um lustro, absorveu as energias do país.

O caudal do heroismo brasileiro crescendo, dia a dia, ia chofrar-se nas coxilhas do Sul, nos contrafortes da Maracajú, nas aguas mansas do Paraguay, com a onda invasora prestes repellida.

Mas esse caudal custaria ao Brasil a paralysação de todas as suas forças vitaes— a lavoura, o commercio, a industria— transformadas numa unica força poderosa e dynamica: o heroismo, a bravura, a veia marcial, em que despertavam as qualidades atavicas dos defensores do Norte contra os b́atavos, do Centro contra os franceses e do Sul contra os espanhóes.

Matto Grosso foi o alvo naturalmente preferido pelo invasor e o theatro primeiro da lucta.

A tropa militar, reduzida em numero, postó intensificada pela coragem, exigia novos e efficazes reforços.

Dahi, o appello aos civis. Dahi, o voluntariado, a espontanea achesão de todas as classes ao aceno da Patria em perigo.

Dahi, tambem, o recrutamento, necessidade inevitavel, de que se valem, nos momentos angustiosos, os governos em cheque.

Ora, havia, por esse tempo, pelas cercanias de Cuyabá, uma pobre velha, viuva, sem arrimo sinão que dois filhos varões que de seu malaventurado consorcio lhe ficaram.

Eis que a ambos attinge a conscripção forçada e a infeliz mãe se vê, de um dia para outro, só e a braços com a miseria, aggravada pelos horrores da época anormal que decorria. Eram os dois rapazes o esteio da casa, que lhe davam o pão do corpo, com o trabalho das suas roças, e o pão do espirito, com a alegria e o conforto da sua presença.

Imaginae a desolação e o desespero daquella inditosa creatura, ali no seu rancho humilde, onde, ao invés da fartura e do contentamento de ha pouco, imperavam as mais dolorosas apprehensões.

Eis que por ali, de passagem, vem bater-lhe á porta um homem desconhecido, rusticamente trajado, sózinho, sobraçando uma arma de caça. Em na vendo ali tão só, interpellou-a, ao que ella, depois de narrar-lhe a sua infortunada condição, prorompe em aia-das invectivas contra o auctor da sua malventura, o presidente Couto de Magalhães:

— E' esse homem mau, sem coração, que por infelicidade nos governa, o culpado de tudo que estou soffrendo! Oh! mas elle ha de as pagar! Tirar-me logo os dois filhos, os meus dois braços! Emquanto muitos por ahi vivem á tripa forra, sem cuidar, ao menos, que estamos em guerra, caçando e divertindo-se, como o senhor, os meus pequenos, que poderiam estar trabalhando para mim, lá estão nessa inferneira de quartel, a trabalhar para um governo amaldiçoado.

—Mas a senhora conhece o presidente, para falar assim delle?—perguntou o itinerante.

—Não conheço, nem quero conhecer!—gritou-lhe, desnor-teada, a pobre mulher. Elle é o meu carrasco, o responsavel pela minha morte!

—Pois eu o conheço e tenho esperança de conseguir que elle dispense pelo menos um dos seus filhos.

—O senhor?—e a velhinha ria, na ironia singela do povo—ora bem se vê que o não conhece... Aquelle homem não tem dó de ninguem! E' duro de coração...

—A senhora—insistiu o desconhecido—quer se car ao trabalho de ir á cidade amanha e procurar-me no Palacio? Lá estarei ás duas horas para lhe dar a solução da conversa que vou ter com o presidente.

—Mas o senhor quem é? é empregado d'elle, trabalha lá?

—Nada. Amigo, conhecido apenas... Vou tentar obter a liberdade de seus filhos, ouviu? Vá, vá, que eu vou esperal-a...

Mais animada, ante aquella promessa, agradeceu a velha aquelle bom homem que a Providencia lhe deparára e que tanto interesse tomava pela sua triste situação.

—O senhor é bom e Deus ha de inspiral-o. Quer, porém, que lhe diga com franqueza? não creio que o "homem" cêda.

No dia seguinte, á hora aprazada, a velhinha, envolta no seu melhor chale, transpunha a limieira do Palacio do Governo, transida de pavôr e, ao mesmo tempo, alentada por vaga esperança.

Algum tempo esteve embalada entre sentires diversos, na silenciosa sala de espera.

Cruzavam por ali, a toda hora, officiaes, que entravam e sa-hiam, nos seus luzidos uniformes, esporas tilintantes, erguendo e baixando os pesados reposteiro.

Ansiava a velha pela presença do homem que a mandara vir.

Por que não apparecia elle? Mil vezes permanecesse na sua palhoça abandonada! Quem a fizera vir ali para, seguramente, colher mais uma decepção? E si tivesse de entestar-se, sózinha, com o presidente, que lhe iria dizer? Bem pu'dera succeder que "o outro" lhe houvesse contado tudo e o "homem", zangado como era, a maltratasse e, ainda por cima, lhe fizesse embarcar os filhos...

Nestas agoniadas conjecturas, a qual mais dolorosa, se debatia a alma da pobre senhora, quando um official, garboso na sua farda, scintillante de alamares dourados, ergueu a persiana da sala contigua, d'izendo-lhe:

—Minha senhora, tenha a bondade de entrar.

Timida e vacillante, avançou a velha em direcção ao compartimento vizinho. Ao penetral-o deu, de chofre, com a mais surpreendente e inesperada scena que jamais imaginara: de pé, ao lado da secretária, achava-se o mesmo homem que lhe visitara o casebre na vespera. Fitava-a, calado, e, posto um sorriso brando lhe adejasse á flôr dos labios, pairava em suas feições serenas algo de grandioso, dessa espontanea grandeza que a auctoridade, quando integra, empresta áquelles a que imprime o seu sello quasi divino.

Comprehendeu, num relance, o que se dera: o homem que passara caçando pelo seu rancho e o homem que agora ella via ali, em todo o fastigio da pompa official, eram um só, o mesmo, o presidente Couto de Magalhães. Tão grande foi a sua perturbação que, sem saber o que fazia, lhe cahiu aos pés, de joelhos, a supplicar-lhe, chorando, mil perdões.

O governador levantou-a, dobrando-se até ella, e falou-lhe, no mais suave metal de voz:

—Nada receie, minha senhora. Volte para o seu rancho, onde já deve estar o seu filho mais velho, que fiz dispensar do serviço. Quanto ao outro, tenha paciencia, pois si a senhora é mãe, a Patria tambem o é e tem os mesmos direitos. Mas fique tranquilla que velarei por elle. E aprenda a não julgar os homens bem primeiro os conhecer e a não attribuir ao presidente tudo que fazem em seu nome...

Num sorriso indulgente e benevolo, encaminhou-a até a porta, onde, perfilado, erecto, o mesmo official de ha pouco erguia o reposteiro. A velhinha sahiu quasi de costas, sem se atrever, tão confusa estava, a dizer uma palavra.

E como unico gesto a patentear o seu reconhecimento, beijou, numa effusão de ternura, a mão aspera e tostada que Couto de Magalhães lhe estendera em despedida.

O PRESENTE DE D. MARIA TERESA

Si nesse passo se patenteou o superior espirito do patrono desta cadeira, no que se segue se põe de evidencia o seu immenso coração.

O ambiente — meio e epoca — era o mesmo. Proseguia a guerra o seu curso regular, si assim se póde dizer, pois até no mal ha, muitas vezes, regra e compassamento.

O sequito macabro da fome e da miseria a que, com pouco, viria juntar-se a peste — corrupção physica — e a sua irman, a dissolução — corrupção moral — apertava, dia a dia, o assedio, garganteando a pobre população cuyabana. Os horrores da época, descriptos pelos coetaneos, ficam ainda longe da realidade, de que evocam tão sómente uma pallida sombra.

Cuyabá conheceu, naquelles dias tragicos, horrores que os *bolgi* dantescos reservam para os estigmatizados pela coelera celeste. Castigo dos crimes de 1834, como insinuou Moutinho, reflectindo o pensar dos seus patricios?

Provação tremenda com que a mão do Bom Jesus—Bom até quando experimenta os seus filhos—aprouve pesar sobre a sua gente, para aquilatar da sua resistencia jamais abatida em tantos revezes, desde os dramas iniciaes do povoamento?

Prova ou expiação, sabe-o Deus que dura foi e bem soffrida!

Não ha ahi penna que a descrêva, nem mister se faz denergrir as côres ao que de tão escuro se não percebe nitidamente.

A injustiça dos homens, serva e alliada da politica, attribuiu a Couto de Magalhães a exclusiva responsabilidade pela penetração da variola no Norte.

Moutinho faz-se éco dessa versão no seu curioso mas suspetissimo livro "Noticia sobre a provincia de Matto Grosso." (21)

Assertiva leviana, tal assacadilha, libellada com as paixões ainda ferventes da época, não passou em julgado no tribunal da opinião póstera.

Certo que ninguem desvia o curso dos acontecimentos nem afasta o gladio dos grandes flagicios com que os povos, como os individuos, são postos á prova de tempo em tempo.

Emprestar ao detentor occasional do poder exclusiva culpabilidade pela incursão epidemica, tendo sido tomadas as precauções possiveis, é insania tão grande como imputar ao medico o fracasso do doente a cuja cabeceira se encontra.

De resto, taes accusações, formuladas nas folhas conservadoras do tempo, aliteradas e colligidas por Moutinho no seu livro, levadas ao Parlamento Nacional pelo deputado P. Ernesto Camillo Barreto, não abalaram o credito de Couto de Magalhães e nem calaram fóra da Provincia, em meios onde melhor e mais isentamente se poderia avaliar dos factos, a cavalleiro de odios e affeições partidarias.

Dellas se defendeu superiormente Couto de Magalhães, em uma serie de artigos editados no jornal *A Reforma*, do Rio de Janeiro, e transcriptos pelo *Guaycurú*, de Cuyabá. (22)

(21) Pags. 99 e seguintes.

(22) A Situação de 10 de Outubro de 1870.

Factos falam, porém, mais que argumentos e a eloquencia das acções superou sempre a das palavras.

Couto de Magalhães tudo fez por attenuar o mal e tornar mais supportavel a dura condição dos cuyabanos em 1867.

Um correspondente do "O Monitor Goyano" relata em chronica datada de Cuyabá, (23) providencias tomadas pelo presidente "para não se morrer de fome dentro da capital", indo até "mandar cortar carne para ser vendida ao Povo, livrando-o das garras dos salteadores".

E' sabida a ignobilima exploração que a carestia desenvolve e contam-se a proposito episodios expressivos e dolorosos. O preço do sal chegou ao exaggero da mais refinada usura: vendia-se uma colherinha quasi ao seu peso em ouro. Nada se achava, propondo-se embora a dar tudo em paga.

Foi nessa angustiosa situação que, um dia, parou em frente ao Palacio do Governo, morada do presidente, uma tropa escolhida, conduzindo grande copia de viveres e mantimentos. Eram seis ou sete nédios animaes, e vinham vergados sob o peso da carga que traziam.

Chegou o governador á janella e eis que se adianta o tropeiro, em quem reconheceu Couto de Magalhães um escravo de D. Maria Terêsa—rica proprietaria de grande chacara á margem do Coxipó, a quem o prendiam laços de sincera amizade. Já o moço, antes que lh'o perguntassem, dizia o recado que trazia bem ce cór:

— Senhor presidente, aqui está uma lembrança que lhe manda a "côna". E pede para a desculpar, que mais e melhor merece Vossa Excellencia,

Couto de Magalhães não houve mão em si ante o inesperado do gesto fidalgo com que o surprezava a velha amiga. Quando, porém, voltou a si do espanto, limitou se a dizer, sorrindo, ao emissario da duas vezes liberal Senhora:

— Diga a Dona Maria que o presidente lhe fica muito agradecido, mas pede licença para mandar, agora mesmo, distribuir o seu presente ao povo, aos pobres da cidade, que bem disso estavam precisando e para os quaes decerto ella o destinou. Veja bem, Gonçalo, não haverá engano da sua parte?

O negro titubeava, sem saber o que dizer quando o presidente lhe atalhou, de um golpe, a hesitação:

— Seja como fôr, D. Maria deve saber que um pae não póde regalar-se quando os seus filhos morrem de fome.

E chamou o ajudante de ordens para providenciar a distribuição dos generos.

(23) O "Monitor Goyano" de 25 Janeiro de 1868. A correspondencia é de 17 de Novº anterior.

Peroração

O MONUMENTO DE COUTO DE MAGALHÃES

HOUVE um dia, Senhores, para sempre memoravel na serie de meus dias, um dia, entre tantos outros, que se me não deliu da lembrança.

Foi em pleno sertão de nossa terra.

Vai por oito annos, viajava eu, rumo do Araguaya, onde se me abria, com a primeira funcção judiciaria, o horizonte definido e talvez definitivo da minha vida publica.

Vencidos tres quartos da longa caminhada de cem leguas, deixamos o pouso acolhedor do Barreiro, na sua passagem superior, onde fica a colonia salesiana dos Tachos. Amanhecera um dia limpido e sereno, um desses dias de começos de inverno mattogrossense, que dirieis antes da mais risonha primavera. Julho pompeava, nas galas de um céu purissimo, a gloria de seus dias luminosos.

Na primeira marcha, sempre a mais grata do jornadeio, galgavamos, na trotada macia dos muares, um espigão que, bem defronte, se erguia, fechando-nos a paisagem. O ar do planalto, leve e translucido, rescendia áquella hora matinal aos efluvios magicos da seiva. Na belleza do dia infante, a Natureza virgem do sertão se offerecia aos nossos olhos em todo o esplendor e graça da sua incomparavel formosura. Accentuava-se o esforço da subida e, com pouco, a estrada se reduzia a uma veredazinha no morro, galgada a custo pelas alimarias já arfantes, pois, apesar do matutino da hora, o sol começava a dardar os seus raios candentes.

Subito, ao cabo da lenta ascenção, eis-nos chegados ao apice do monticulo, dominado por uma linda chapadinha, que descerrava aos nossos olhos o velario da mais encantadora perspectiva da viagem.

Galgamos o espigão e, como quem abre de improviso um livro de maravilhas ou um escriptorio faiscante de joias, viamos, deslumbrados, um lindo painel como jamais a Natureza enformara um dia.

Do terrapleno a que chegamos descortinamos a mais sorprendente vista cycloramica em que meus olhos se têm fixado.

A' esquerda, esbatido nos azues da distancia, o espigão divisor das aguas do Rio das Mortes e do Xingú, o grande traço de separação entre as duas vertentes-mestras, do Amazonas e do Prata, madres de todas as aguas brasileiras que correm para o Norte e para o Sul.

Mas, até lá, até esse horizonte quasi indefinido, que de extraordinarias e variadas impressões para a vista extasiada!

Cabeceiras innumeraveis pontilhavam o verde-gaio dos campos, assignalando nas esguias agulhas das palmeiras, como minaretes daquellas mesquitas rusticas, as nascentes de innumeros rios.

Varzeas ondulantes, tapizadas de gramineas, em altas macegas, por onde corre a sariema estridula, a arisca perdiz e a ema gigante, esperavam o holocausto annual das queimadas de Agosto. Caapões de um verde mais escuro, ourelando os ribeirões de aguas cantantes, sobre o lagedo alvi-roseo, erguiam-se em longos fitões, á flôr das campinas, sombrios caapões solitarios onde a meiga jaó desfere o seu canto, mais tri te e bello que todas as vozes da saudade poetica...

A' direita, os valles do Barreiro e do Garças abrem á imaginação o sonho de Pactolo, na miragem estonteadora do ouro fulgido e dos diamantes estellares.

E os olhares cansam e se repousam, alternativamente, no esfumado longinquo das serranias, nos picos altaneiros em que o sol inflecte os seus raios, transformando-os em castellos, em cathedraes illuminadas, cujas ameias e torres são as buritiranas, flabellando ao vento a sua folhagem heraldica...

Nessa hora, um bando de passaros vôa, a gritar, sobre as nossas cabeças...

E' a alma livre, a alma ruê e espontanea do sertão que nos acolhe.

E extatico, eu, a quem esses quadros tinham sabor primitivo e inedito, indago dos que me acompanhavam:

—Como se chama este lugar tão lindo? Bem difficil haveria de ser dar-lhe um nome condigno...

—Esta é a chamada cabeceira do Couto—informa o meu guia.

Estavamos, de facto, na cabeceira Couto de Magalhães, entre as duas passagens do Barreiro, a 591 metros de altitude.

Couto de Magalhães! Bem merecias que o teu nome tão injustiçado, tão mal comprehendido, tão vilipendiado em vida, alvo das contradicções chocantes da politica, aqui ficasse, neste êrmo por onde passaste, nesta estrada do Araguaya, teu sonho

maximo da juventude e da hombridide, perpetuando-o assim, melhor do que numa dessas "mentiras de bronze" que povôam as praças urbanas, neste sitio sobre todos formoso, unico digno verdadeiramente de conservar o teu nome!

O teu monumento tem por pedestal o arenito millenario da serra; como docel, o céu ridente do sertão; para corôa, o sol e a lua, o estellario magnifico, onde scintilla o cruzeiro do sul; por praça, o planalto immenso; por moldura, a selva tropical e as grandes solidões da Natureza que tanto amaste.

Aqui não fala a torpente lisonja nem a maledicencia poí-dora e roaz. Aqui o homem, ante o mysterio augusto do infinito, é sincero e bom, por sentir-se mais perto de Deus. Aqui devêra ser, não algures, o teu monumento, o teu hypogeu, o teu templo civico.

Bem haja para todo o sempre quem ligou o teu nome a esta plaga bemdita!

A LIÇÃO DO PATRONO

Tempo é, Senhores, de colher velas, neste excursio que já vai longo.

Quero, ao terminar, extrahir do que ahi fica uma conclusão pratica. Ora que tanto se fala em nacionalismo e nacionalistas, expressões encontradiças a cada passo em livros e revistas, discursos e palestras, e applicadas a esmo, por qualquer a qualquer, mister se faz, numa reacção salutar, aprendamos, nos verdadeiros sacerdotes da Religião da Patria, a excellencia e a nobreza desse culto.

Couto de Magalhães foi, sem duvida, um paladino extremo do mais extreme Nacionalismo.

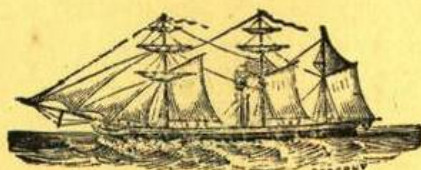
Aprendamos com elle a lição fecunda do trabalho que não esmorece, da coragem que não trepida, das convicções que se formam acima das conveniencias pessoaes e pairam alem dos acontecimentos subalternos.

Aprendamos nelle o amor imperterrito da Patria, o culto sereno da Verdade e da Justiça, unicos propellidores seguros do Progresso.

Aprendamos delle, através da sua obra extraordinaria e da sua vida mais extraordinaria ainda, o exemplo confortante do Bem, das nobres acções praticadas pelo simples impulso da consciencia, sem aspirar outro premio terreno e humano.

Assim praticando, seguindo á risca os seus exemplos e trilhando seguros as suas pegadas, elevaremos, dia a dia, o Brasil, pela elevação de cada brasileiro consciente, firme na sua fé nos destinos do país, na esperança cada vez maior da sua grandeza e no amor á Patria desinteressado e sublime, integral e perfeito, sem restricções nem sobre-intenções, tal como a amou o glorioso patrono desta cadeira, amor em que reside o segredo da harmonia terrena e da felicidade extra-humana, pois é elle, no dizer do excelso bardo florentino:

Che move il sole e l'altre stelle.



A' SANTA DAS ROSAS

Final do discurso de saudação á Imagem de Santa Teresa do Menino Jesus, levada em procissão pelos alumnos do lyceu Coração de Jesus, para a nova Igreja da Santa, em S. Paulo. 4 de Dezembro de 1927.

“Flôr de primavera!” lin’ca flôr c’e candura, desabrochada sobre a montanha mystica do Carmelo! “Rosa desfolhada!” fresca rosa de amor, que te consumiste em mysterioso holocausto, á beira silenciosa dos sacrarios! Doce poetiza do claustro, que na plena floração da vida, te morreste a cantar c’e amor ao teu Deus legando aos seculos, mais um ideal encantador de mocidade christã, virginal e pura! Santa Teresa do Menino Jesus! contempla esta bella juventude, que hoje aqui traz em triumpho, por entre as canções festivas da sua piedade, a tua imagem mimosa e querida!

Elles vêm a ti, arrebatados pelo encanto juvenil da tua santidade, pela poesia angelica dos teus cantares, pelo perfume incomparavel das tuas rosas.

Tu que santificaste a rosa, a flôr c’a mocidade e do amor; tu que fizeste deila o mavioso emblema do teu coração, a desprender-se de tu’co, dia a dia, mansamente, num intimo sacrificio de amor, tal como a rosa se desprende, a pouco e pouco, de todas as suas petalas, e se desfaz e morre; tu que nella nos déste a expressiva imagem da tua caridade para com o proximo, prometendo-nos derramar do céu uma chuva de rosas sobre o mundo; ó Santinha das rosas! faz hoje sentir a estes jovens a verdadeira significação das tuas flôres, murmurando-lhes na alma a formosa palavra do livro divino: “as minhas flôres são frutos de honra e de honestidade”.
Flores mei fructus honoris et honestatis.

As flôres do munc'o só dão fructos podres, embora especiosos e seductores, como os que vicejam aos ares mephiticos do Mar Morto. São flôres de voluptia, flôres ephemeras, que corrompem o coração e desfibram a vontade. Acariciam o espirito, mas, ao mesmo tempo, o amollecem e desaffeioam c'a rigidez austera e gloriosa do dever.

As tuas flôres, ao invés, nos trazem o sorriso do céu. Elevam o pensamento. Fazem sonhar as c'elicias de um paraiso perdido. Os seus aromas embalsamam e preservam. Brotam das tuas mãos delicadas de donzella, mas em derredor do Crucifixo, dentre espinhos e cravos, de em meio á florescencia symbolica das chagas e do sangue. Ellas dizem a esta mocidade, que as verdadeiras flôres da vida, as que exornam o character, as que consolam o espirito, as que nos proporcionam as alegrias mias lidimas e intensas da terra, nascem da renuncia aos prazeres que degradam, do temor santo de Deus, da piedade filial para com Jesus e Maria, e, enfim, do cumprimento exacto dos deveres, pela pratica fiel da lei do Senhor, immaculada e suave.

Estas são as flôres, ó Santa Teresinha, de que trazes assim tão cheias as mãos, para entornal-as em chuva mystico sobre as almas. Derrama, pois, hoje, mais uma das tuas poeticas chuvas de rosas, rosas que não murcham, sobre estes corações de moços, corações cantantes, terra virgem e promissora, espalmada em sorrisos de esperanza, para o sol matutino da vida. E sejam ellas para elles, agora e sempre, fructos opimos de honestidade, ou seja, dessa belleza moral, cujo nome coincide tão suggestivamente no mesmo etymo com o da honra, para nos inculcar que só o homem honesto é verdadeiramente honrado:

Flores mei fructus honoris et honestatis.

D. Aquino Corrêa.

RITHMOS NOVOS

I

NOITE DE INSOMNIA

Do Poeta amigo José de Mesquita

Harpejos de violino...
Sons dispersos pelo ar...
A noite é toda negra de veludo!
Eu scismo!
Meu coração, qual pendulo desnudo,
Com um movimento isochrono, cruel,
As horas que não durmo,
Em contrações de dor vae registando...
Noite de insomnia!
Como em pelicula vão quadros mudando
Na tela das idéas, um por um...
Vejo-te enfim, tal qual te vi outrora:
Pela tardinha ao som do sino grande
Da velha cathedral,
Num passinho gentil de pomba mansa
Ir ouvir a novena!..
E os quadros vão mudando...
Mas de repente vejo-te, risonha,
Junto ao berço gracil de nossa filha...
Tu sorris... Ella sorri.. minh'alma canta...
Pois esse quadro, para mim, senhora,
Tem mais encanto do que todo encanto,
Que todo o bem que já gosei na vida!

II

SONHOS

Sonhos que vão e que não voltam mais...
Meus sonhos idos!

Roseos, perfeitos, bellos madrigaes
De minha mocidade deliciosa!

Sonhos negros que surgem na velhice,
De uma frieza gelida de tumba;

Sonhos do presente!

Elo que une as etapas da vida
E contrastando as sensações sentidas
Conforta-me e anima-me...

Sois vós todo o prazer do eu sensível
Que em mim palpita!

Sonhos...

Ah! Quem dera se voltassem, minha amiga,
Os lindos sonhos que sonhamos juntos!

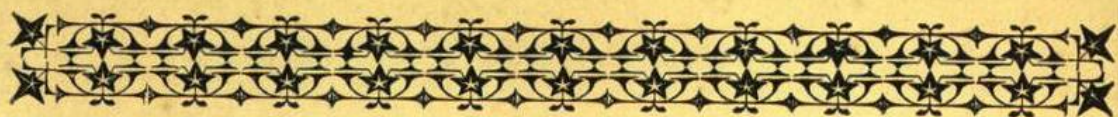


III

SUGGESTÃO DO LUAR

A Lua—uma velhinha a nos olhar...
E nós, tão moços, eu e tu, assim
Sob a luz do luar,
Qual dois velhinhos parecemos juntos
A rezar, a rezar,
As contas desfiando, uma a uma,
Do roاريو do passado!..
Eu e tu...
Coisas que lá foram—gratas á lembrança:
Eu um homem já feito e tu creança.
Um namoro feliz, um noivado depois...
Tanta cousa!..
Ciúmes inocentes,
Arrufos para sempre
Que não duravam mais que a vida de um sorriso...
Ah! Que saudade este em luar traz...
E que desejo.
De repetir contigo, minha amiga,
Toda briga que outrora já tivemos!

Franclin Cassiano.



Barro de Adão

Mario Resende pensava. Naquele dia de tédio, evocando as defuntas ilusões da mocidade, procurava contrasta-las com o prosaico dos seus dias a tuais.

As primeiras sensações da vida, as suas primeiras lembranças lhe desfilavam agora aos olhos, não assim malhetadas em sequencia uniforme e unida, de tal modo que pudese reproduzir com elas uma especie de traça ou desenho daquele antigo castelo desmoronado dos seus sonhos. Essas primeiras paginas do livro da vida lhe davam antes a impressão de um velho pergaminho roto e poido dos anos, onde uma ou outra passagem incompleta se podia ler, á semelhança de pequenas manchas que borravam uma tela sem côr — a tela insípida do tempo.

Mesmo assim era facil notar que de todas se desprenhia um perfume feminino, e em todas se desenhavam umas formas de mulher, — sua grande tortura na vida. Todas eram partes de uma dolorida odisséa que ele viera compondo ao longo dos anos, vibrante de paixão e de colorido, e cujo termo havia sido um inopino arrefecimento de tudo, assim como um rio caudal e marulhoso, que inesperadamente se espraiasse pela planura imensa de um marnel.

Ele que tanto sonhara, que tanto havia idealizado, preso agora na jaula de um casamnto burguês, gozando aquela paz alagartada e macia, que entretanto encerrava no amago certos pruridos de insatisfação. . .

As mulheres, desde a meninice, o haviam fascinado, umas esplendidas outras carinhosas, como um bando de borboletas ariscas, e ele, indiferente ou medroso, as deixara todas fugir, ou porque as não pudesse alcançar ou porque se havia deixado estar incapaz de tocá-las nem prendê-las.

A ultima que ainda lhe espanejara umas asas enermes, tremulando-lhe as borboletices mais ao alcance da mão, tomou-a e guardou-a e hoje ali a tinha, porem baça e rasteira, perdido o encanto que o seduzira nos dias irrequitos de namorado.

E embrenhava-se em retrospecto saudoso da sua adolescencia, cuja primeira pagina relida foi a do primeiro amor—primeiro desvario, onde uma cabecita loira de 15 anos lhe fizera doloridos os assomos da alma de menino.

Já se não lembrava de como havia começado aquilo (aqui estava uma das parte apagadas ou cobertas de poesia aderente), a noção do tempo, a ordem dos episódios que ainda lhe bailavam á memoria era cousa difficil de restabelecer, era um cáos que afinal recordado produzia certa sensação de unidade, porque só numa cousa se revivia,—no coração.

Aquela figura de menina e moça havia dominado todos os seus dias, todos os seus movimentos, sem saber o que lhe inspirava, se desejo, se affecto, ou se medo talvez. O certo é que pulsava num mixto de enlevo e de angustia, quando a via passar como um deslumbramento.

De uma dessas vezes se recordava bem.

Estava a brincar na rua com alguns companheiros, quando inesperadamente ela assomou de entre um bando de amigas. Assim figurada agora, não mais se recordava do seu talhe ou dos seus cabelos, daqueles olhos que o feriram, nem mesmo do modo como o fitara ela; tudo estava diluido no tempo, tudo era nada. Apenas

restava uma fugitivaemoção. como perfume remanescente numa taça esgotada.

Ao vê-la perdeu a consciencia de si. Quis despertar-lhe a atenção por um gesto, ou por um grito mas como gritar se a garganta lhe estava, naquele momento, como na sensação de um soluço? como gritar se todo ele era olhos para segui-la?

De relampago uma ideia lhe voejou pela mente. Não cuideis que fosse rojar-se a seus pés, que fosse confessar-lhe amor: foi menos uma ideia de namorado do que uma ideia de criança, de um herdeiro de D. Quixoto a lutar não com os moinhos de vento, mas com o velho deus Cronos;---foi menos que ideia, um desejo em que a imaginação brigou com o tempo.

Desejou o impossivel de uma conjunção de episódios: Porque não acntecera naquela hora o que lhe havia sucedido dias antes, quando em plena rua se engarfinhara com um garoto, aos sopapos e cambapés, logrando vencê-lo, atira-lo ao chão, subjuga-lo? Ah milagre! como seria lindo que ela o visse naquela postura triunfante chumbaudo os joelhos sobre o peito do muchacho adversario.

Na noite daquele dia, faminto de vê-la, não se pôde conter, que não fugisse aos livros e aos olhares do pae, correndo em direitura ao largo onde morava a dona dos seus sonhos.

Caminhava num mixto de arremêso e de fuga, até que afinal no dobrar da ultima esquina lhe saiu de rosto ao fundo do largo o casarão iluminado, cujas vidraças transudavam o clarão das lampadas electricas.

Apesar do mal iluminado daquela zona suburbana, temeu aproximar-se, e se deixou ficar distante do edificio, suspirada meta daquela jornada tão cheia de sustos.

Parou embevecido, enamorado, invejando aquelas paredes que a encerravam, que a podiam vêr de perto

constantemente. E tremia... Teve medo de aproximar-se e de ser visto, como se fosse (pobre criança!) despertar a atenção de ninguém.

Eis senão quando surgiu à janela um vulto esbaído na claridade interior. Bateu-lhe o coração, e um quasi arrepio o fez retroceder. em vez de aproximar-se. Devia ser ela própria, sim, devia, mas (ó duvida) talvez fosse a irmã mais velha, ou a própria mãe, ou por ventura a avó mesmo, D. Felismina, aquela velhorra austera que o atemorizava tanto...

A distancia lhe punha obstáculos a uma identificação. E pulsava insatisfeito.

Que importava, porém! Fosse quem fosse, aquele vulto lhe dera a ilusão de tê-la visto, lhe mitigara a ânsia curiosa e valia pelo que lhe fizera vibrar. porque tudo estava nêle, tudo era êle, a sua alma ingenua que pulsava, eram os ancestrs de pai Adão que lhe cantavam das fundeiras do instincto, no primeiro viço dos sonhos. Era êsse canto interior, irrompendo-lhe do intimo, que o afagava e, — perfume da propria flor, — o envolvia naquele ambiente fagueiro.

Mas esquece-a. Já se não contenta com uma mulher e talvez nem com duas; quer um mundo e cria um mundo.

Dos sentidos escachoantes lhe afflora uma alma ambiciosa de ilusões e de gloria a transformar aquella primeira sensação amorosa no impulso para a carreira sem limites do sonho. E' que na inquietude tumultuosa da adolescencia, uma voz que partia do fundo da sua alma o ia pouco a pouco dominando. Surgia o primeiro impulso consciente e energico da sua vocação para a pintura: a côr, as linhas, a tinta, o pincel o empolgavam e atraíam.

E o artista matou o amoroso.

Sente-se arrastado pela arte de Apeles, no entre-somno dos seus vindouros triunfos, dos quadros futuros, dos salões artisticos, da apeteçida gloria...

Todas as ardencias dos sentidos se transverteram na abstração da fantasia. As formas palpaveis e esplendidas de mulheres, que lhe perambulavam ao alcance do desejo, desprezou-as, preferindou-lhes o incorporio das pinceladas impecaveis.

Passou a viver absorvido nos ideais de arte, alternando os momentos de arroubo com os momentos de desalento, quando se lhe falseava um traço menos preciso, ou um colorido excessivo. Trabalhava, esperava, e a esperança tem sempre boa cara, pelo menos bem mais risonha do que as caretas macabras do desencanto.

Enamorado da cor, como pintor que era, vai senão quando, a cor de uns olhos negros o prende e o seduz, e sem que lhe atinasse o cambiante, quando deu conta de si, estava enlevado em novo idilio. Já chegava quantas vezes a abandonar a oficina de trabalhos para vê-la, sonhando alguma cousa que o instinto reclamava, a fantasia sobredoirava mas a razão quasi repelia...

Mesmo assim não esquecerá de todo a palheta e os retabulos. Combinava tudo pelo milagre de imaginação.

Até que o homem se não objective para o mundo externo, tudo se lhe pode conciliar. Dentro em nós pode caber simultaneamente a mais inumeravel multidão de cousas dispares, o proprio desejo de morrer e a ansia da vida. Os sentimentos mais opostos se combinam e se emparelham às rebatinhas, no homem interior, à maneira de um dualismo elevado á potencia infinita. Tudo cabe dentro de nós; nós é que não cabemos em parte nenhuma, com essa bagagem enorme de ambições, de vaidades e de sandices...

Mas aquella figura feminina ia invadindo a alma de Mario Resende, absorvendo dia a dia todas as suas cogitações. Acenava-lhe uma cousa vaga, fugitiva, deliciosa, a que deram o nome prosaico de casamento. Não sei se lhe passou pela idea a palavra; o que é verdade

é que vivia pelo affecto. O coração lhe flutuava aos olhos quando a via; lhe estava nos ouvidos quando a escutava; o coração lhe afluava aos labios, nas entre-talas ao pé da janela, o coração quasi se lhe transfundia no cerebro quando nela pensamenteava, antegozando um mundo futuro de longinqua felicidade.

Mas,—dolorosa contingencia das cousas humanas!—surge-lhe cara a cara um adversario terrivel, ameaçando de ruina aquellas architecturas quiméricas . . .

Era o estomago, êsse rabujento conselheiro da vida pratica, que lhe apontava, num desengano tremendo, o contraste daqueles devaneios tão cheios de esperanças, com o vazio dos bolsos.

Ah o estomago é o maior inimigo do coração!

Daqui lhe sobreveio um periodo de incertezas e de duvidas, de anseios e de renancias, tudo pelo meio, tudo flutuante, por entre avanços e recuadas.

E lá ficava, quantas vezes, soliloquiando a repetir o velho monólogo de Hanleto, mudados, porem, os termos para—*casar, ou não casar* . . .?

Ela, entretanto, a dona dos olhos negros, para quem o monólogo se resolvia numa unica afirmação—*casar*, ela, sem meter tempo em meio, se deixou levar por um fazendeiro rico, não assim, poeticamente, nas asas de um sonho, ou nos braços do noivo, mas positivamente, materialmente, num trem noturno da Central, que rangeu, fumegou, assobiou e partiu desabalado para S. Paulo.

Só agora viemos a saber que o nosso homem morava no Rio, e foi ai, num palacete da Tijuca, ou num solar *demodé* de Copacabana, que ele se pôs a evocar o passado.

E que importava sabê-lo, desde que nos haviamos tambem mergulhado nas suas remeniscencias, senhores do espectaculo latente da sua imaginação?

Morando na China ou nos Estados- Unidos, o homem pode diferir pelos olhos de amendoa, pelo rabicho ou pelo pigmento amarelo; por umas bastas cabeleiras loiras e uma tez macia de americano, mas ha de ser por dentro a mesma cousa, o mesmo barro plasmado ao sexto dia da criação.

A Mario Resende doeu-lhe devéras aquela decepção.

Mas fosse grande ou pequeno o choque que lhe produzira pouco monta dizê-lo, uma vez que ele voltou curado e consolado aos seus primitivos ideais de arte, ás suas tintas. Abominou a todas as mulheres com as suas frivolidades e com as suas tredices astutas. Jurou que nunca jamais uma sombra feminina viria perturbar-lhe o ritmo do ideal soberano.

Emudeceu a lira do coração, mas o espirito seguiu cadenciado ao ritornelo de outra musica não menos harmoniosa e não menos penetrante. Compreendendo as vantagens da gloria sobre as vantagens de um desposorio, aquele incidente servira tão só a impulsá-lo com mais ardor e mais fé ao trato sereno da pintura.

Mas, afinal, o sonho cansa... E sem que isto me saia uma colcha de retalhos, eu vos direi que os sonhos de Mario Resende passaram por outro engasgo : outra mulher e outro desengano...

Amou e ardeu novamente, em novo anseio de volupia e de esperança.

O pai, entretanto, desta mulher amada era uma dessas criaturas, com quem a natureza desperdiçou os seus caprichos, dando-lhe uma corporatura humana, igual á de nós outros. A êle bastar-lhe-iam os pés, as mãos, a boca, o estomago e uns dedos habeis para contar, tudo enfarpelado numa caderneta do Banco do Brasil.

O tal do velho olhou e viu que êle trazia um cérebro, coberto de umas melenas romanticas, e uns olhos

vivos; trazia ainda um coração encerrado na espessura do talhe guapo. Mas tinha os bolsos vazios e creio até que os sapatos rotos e o fato surrado de pó.

Calculou, conferiu, resmungou as suas razões e armou-lhe umas carrancas, que o pobre moço arrepiou carreira, no oprobrio de uma recusa humilhante.

O nosso apaixonado entrou-se de dor e desespero, carpiu, gemeu e uivou o seu desalento Não digo mesmo que não chegasse a querer morrer.

Quis morrer, mas a morte é feia. Lembrou-se que ela possui umas carantonhas de misterio, uns acenos de misterio, uns esgares de misterio, que assombram como a escuridão.

Achou melhor viver. Vale mais a vida do que a mais formosa das noivas.

Preferiu vivê-la, mau grado todo seu fel, todos os seus enganos, e a vida lhe retribuiu com uma lição que bem merecia a pena de ser aprendida, Ensinou-lhe aquêle sabio conselho de Iago: « enche a tua bolsa, enche a tua bolsa»; e aí esta um aviso que a muita gente repugnará, assim ouvido da bôca execranda de Iago, mas que entretanto todos vamos pondo em prática, pela voz do instinto ou da necessidade.

De sua parte, Mario Resende encontrou um meio suave de lhe dar efeito não com fadiga nem suores, mas ao ritmo estabanado de um tango, certa noite em que dançava com a filha única do comendador Feitosa.

Nem penseis maldosamente que êle se encantasse mais pelos cem contos do pai, do que pela garridice da filha, que afinal não era bonita e contava já os seus trinta e cinco anos desiludidos do ardor amoroso dos homens.

Sim, não era bonita e, vamos dizer sem escandalo, —era feia. Mas que muito, se em compensação êle soubera domar os olhos e os affectos a pique de pouco dias depois senti-la querida.

E entretanto outras muitas há por ai nem formosas nem amadas, e nem por isso menos felizes.

É, verdade que apesar de tudo trazia um certo retorcido do queixo que afinal agradava.

Não te espantes, nem te rias por isso, leitor. Compara e reflecte, e dize-me após francamente se o que te encantou na tua bem amada não será porventura aquella verruga que ela ostenta ao canto da bôca ou aquella cicatriz que lhe pelou parte das sobrancelhas, ou talvez ainda aquella saliencia que lhe emoldura a ponta do nariz.

Reflecte mais e has-de ver ainda que nem só dos encantos da esposa, vive o homem, mas, ás vezes, do dote que ela traga.

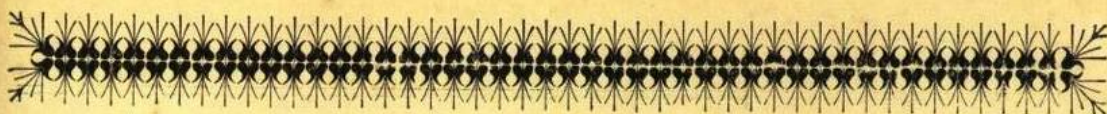
Por aqui subitamente estancaram as reflexões de Mario Resende e o trouxeram de retorno á realidade.

Começou a tomar-se de estranheza, num quasi punzir de remorso de quem houvesse retrocedido ao meio da jornada. Queria parecer-lhe inexplicavel que houvesse trocado aqueles ideais de gloria pelo orgulho pacato de pai de familia. Em vez dos sedutores paineis e da palheta amiga, ali tinha agora a algazarra festiva dos seus filhos.

Chegou a chamar-se um vencido, um ingrato para com a arte imortal.

Mas uma voz do fundo lhe falou: lembra-te que és barro de Adão e has-de sempre deixar de ouvir a voz divina da razão ou da arte, para escutares a voz perturbadora de Eva, que te convida para o rito final do matrimonio.

Cesário Neto



NISUS EXCELSIOR

A época que atravessamos é das mais flagrantes antinomias. De um lado a elevação das taxas de usura e do preço das utilidades, a insuficiência das remunerações não obstante o augmento vertiginoso dos salarios; a cupidez insaciavel pelos prazeres materiaes, o uso dos entorpecentes alastrando tanto que o tabagismo ja entra no rol de habito innocente, tudo modalidades de um aspero egoismo, de intensa luta pela vida e tambem de certo depauperamento moral...

Por outro lado, ligas de beneficencia, de saneamento, de abstemias, de alphabetização e assistencia ás massas; o homem-icaro em remigio atravez dos continentes; o sabio sacrificando-se nas pesquisas do laboratorio, — formas, todas, de abnegação, de coragem... E' uma luta heroica e incruenta a todos os males humanos. Um esforço da especie em defeza propria, não sendo dado a ninguem permanecer indifferente, inerte na planicie ao sopé da montanha. Montanha de luz, de força ou de belleza, cumpre-nos a escalada gloriosa pelos seus pincaros ideaes. Porque aquellas opposições estão no plano das realidaes, mas são todas do dominio moral e neste dominio cumpre-nos sempre uma ascenção constante como um imperativo colectivo, a qual, entretanto, por nossas unicas forças é de sobrada dignidade.

Mas nessa escalada para a perfeição, qual será o nosso *alpen-stock*, senão a nossa vontade?

Num periodo, porem, em que passaram todos os dogmas, temos ao menos a crença na vontade, pode-

mos acreditar no livre arbitrio sem nem um esforço de raciocinio? Si o que constitue a religião do homem é tudo aquillo em que homem cre com facilidade e firmeza, sem necessidade de demonstração, então vemos que não ha mais a religião da vontade.

A metaphysica confessa-se impotente para explicar o modo de acção da vontade livre, satisfazendo-se com a impossibilidade da sciencia para nos explicar a producção da sensação pelo movimento organico: factos reaes, declara, mas inexplicaveis, e com isto busca contentar-nos quanto ao livre arbitrio.

Por outro lado, desde Maudsley até Ribot, sente-se a mesma insufficiencia nos mestres e fundadores da psychologia. Reacção motriz dos sentimentos e idéas, acção reflexa ou excito-motriz, lobulos frontaes como centros moderadores das actividades automaticas, o que nos adeantam taes explanações si permanecem no terreno das hypotheses?

A crença na liberdade interna continuará por muito tempo como questão de sentimento e não de discussão. Para o autor do Pragmatismo é mais questão de temperamento. O typo "delicado" é religioso, dogmatico, partidario de livre arbitrio; o typo "barbaro" ou "rustico", é materialista e fatalista. As antinomias de um mesmo temperamento destroem o valor da classificação de William James. Temperamentos religiosos ha, propensos ao fatalismo, annullando a vontade humana, perante a supremacia da vontade divina. E os empiristas, isto é, os que se regulam pelos factos, podem crer, como os discipulos de Comte, na existencia de uma vontade relativamente livre. Desde que nos foge a lembrança dos moveis das nossas volições, explica Maudsley, adquirimos a convicção da liberdade dos nossos actcs. Esquecida na consciencia a serie dos motivos da acção, esta se nos affigura como producto do mais intimo impulso da alma.

É valioso o argumento de que a ordem social repousa sobre a previsão da conducta individual debaixo do imperio de leis e circumstancias extranhas ao homem e que lhe limitam a liberdade . . . Mas são também valiosos os argumentos metaphysicos sobre a liberdade interna, e vemos, em ultima analyse, que a questão se resume na crença da substancialidade da alma. Assim vemos todas as escolas convergirem para o mesmo ponto, pois que os metaphysicos creem nos motivos influidores ou modificadores da vontade; os deterministas no seu aperfeiçoamento, e os fatalistas, não podendo pelo menos negar a sua existencia como tendencia de ordem organica de que participam todos os seres, até os de vida mais simples e rudimentar, como sejam as amibas.

Ao fatalista applicam-se os versos de Voltaire:

Il reconnait en lui le sentiment qu'il brave:
Il agit comme libre et parle comme esclave.

*
**

Spinoza achava que sonham todos os que acreditam que possam pensar, falar ou agir em virtude de uma livre decisão da alma.

Mas nós necessitamos de alguns sonhos para fortalecer-nos as almas no combate de cada dia.

Crê no que deves crer,—dizia Carlyle,—eis uma regra que não tem necessidade de ser apoiada.

Devemos abandonar a questão da liberdade como um ponto secundario, bem denominado o quebra cabeça chinez da philosophia,—alimentando a crença nos poderes intimos, nas fibras heroicas da nossa alma. Per ser alentador, seguindo um imperativo que chamaremos pragmatico, acreditemos na vontade, apegando-nos a uma definição satisfactoria. Temos em Rey que no-la dá como a faculdade de agir de accordo com as nossas idéas, sendo o acto voluntario, em summa, aquel-

le em que o factor predominante é a reflexão. Considerando-se o concurso, na deliberação, de todas as faculdades cerebraes, da memoria, da imaginação e do raciocinio, avivando o prazer ou a pena dos actos identicos, aformoseando ou enegrecendo os objectivos, pezando os interesses ou os inconvenientes, torna-se quasi axiomático dizer que pensar e querer é uma só e mesma operação. Por isso a psychologia já não indaga sobre órgão ou séde da vontade, vendo no homem apenas uma hierarchia de actividades. .Primeiro actos reflexos, automaticos, habitos; depois actos productos de sentimentos, emoções, paixões; emfim actos ponderados, raciocinados. Em substancia só estes são voluntarios.

Como seria extenuante si todos os nossos habitos fossem da ultima categoria...

*
* * *

Felizmente não é assim. A maior parte das nossas acções decorre na categoria dos habitos e por isso a obra da educação restringe na formação e cultura dos bons habitos. Precisamos da vontade, apenas como esforço inicial e este esforço consiste em impedir na consciencia a fluctuação e instabilidade das idéas. Para que amadureçam em resoluções, devemos fixar nossos pensamentos, analisa-los e depois radical-os no campo das nossas vizões conscientes. Uma vez convertida a idéa em resolução e esta em acto, a natureza, pela facilidade e prazer em reproduzir, em repetir o primeiro acto, encarregar-se-á em fórmarmos o habito bom.

Quanto á vontade negativa, devemos confiar no poder da resistencia. A mesma lei geral de habito, que facilita o poder do esforço para a acção, facilita o mesmo poder para a resistencia. Uma primeira resistencia torna menos penosa a segunda, mais facil a terceira e assim successivamente até a extirpação do habito nocivo.

Na formação dos bons habitos, William James nos dá uma regra de Bain, de maximo valor: nunca soffreremos

uma excepção até que o novo habito não esteja sufficientemente radicado na vida.

Assim tambem, no combate aos máos habitos, nunca devemos ceder a uma solicitação até que o habito não esteja de todo extirpado, de uma vez e ja ha muito vencido. Nunca devemos adiar o esforço e lembrarmos sempre que o momento presente é o propicio para a acção ou para a abstenção.

Nunca esmorecermos por uma recaída. Cedemos uma vez? Seja a ultima vez e renovemos o esforço.

Podemos tambem desenvolver o dominio proprio, fortalecer a vontade, criando estados favoraveis, ja mentaes—pela meditação e imaginação, como de ambiencia adequada ao abrolhar das resoluções tecundas—pelas relações, companhias e amizades que formarmos, conforme os methodos de Payot.

Si não nos inflamma o ardor das grandes paixões—abstracto dos caracteres energicos; si nos carece a magnifica estabilidade dos temperamentos heroicos—heroicos na expressão carlyleana; não devemos comtudo ceder a uma vida de inconstancia, pois a instabilidade como norma, é, o mais das vezes, toda a unica oppositora da nossa felicidade.

A obra da nossa educação, que começa naquelles sagrados bancos que são os joelhos maternos, traça vias para o infinito. Uma das suas bases mais solidas, é o primado da vontade como garantia da hygiene moral, do jogo sadio das emoções, de todas as disciplinas que fortalecem e nos renovam o espirito. Sempre com o esforço para o melhor e a crença na vontade, que só por si é alentadora, si não pudermos alcançar as cumeadas da montanha, pelo menos não permaneceremos na planicie rasa e núa, alçando a divisa—*Nisus excelsior!*

Cesario Prado

(Da Illustração Brasileira, de Novembro de 1926)

D"“A Epopéa Mattogrossense”

I

O Milagre da Custodia

Chegada a quaresma, celebrando-se os officios divinos na igreja Matriz, expondo-se o Santissimo Sacramento, em quinta-feira santa, posta a custodia ho throno, que era de madeira, armado por fóra da parede da Capella sem tribuna, deu a Custodia volta para a parte da Epistola, ficando com o lado para o povo.. o que aconteceu terceira vez á vista de todos.. demonstração que fez Deus Nosso Senhor de que não era servido que se despoçoasse este sertão como todos determinavão e da perpetuação desta colonia.

(Chronicas do Cuiabá, anno de 1728)

A Hilo Povoas

Sobre o rustico altar, em throno de madeira,
na custodia se occulta a hostia intemerata.
Dia de Endoenças. Os mineiros, em compacta
multidão, da matriz enchem a nave inteira.

Eis sinão quando, ao olhar da turba estupefacta,
por tres vezes se volve a custodia, em maneira
que da hostia apparece a face verda'eira:
em haste de ouro, alva camelia, flôr de prata.

Era ao tempo em que, sobre a miseria, o flagicio,
as minas a assolar, a dôr em tudo punha.
Do exodo a porta abria o horror do sacrificio...

Ante a fórma, porem, com que o Senhor, agora,
a sua dilecção tão claro testemunha,
a vida no sertão exsurge e se reenflóra !

II

Bom Jesus

"Foi esta imagem fabricada na villa de Sorocaba por mãos de uma mulher; trouxe-a consigo um Pedro de Moraes. . . e não podendo continuar o caminho pelas dificuldades que naquelles tempos havia, arribou e deixa a imagem em um rancho coberto de palha. . . o que sabendo-se nesta villa, foi mandado buscá-la . . .

(Chronicas do Cuiabá, anno de 1729)

A Feliciano Galdino

Mãos de mulher, na velha e heroica Sorocaba,
fizeram esta augusta imagem do Senhor.
Trouxe-a não um extranho, um advena, um emboaba,
mas Pedro de Moraes, paulista sem temor.

Dura a rota, cruel a jornada, em que acaba
o animo do mais rude e audaz desbravador:
rios nove a vencer, desde Ararituaba!
serras e boqueirões medonhos a transpor!

Mas quando, baldo o esforço, a energia vencida,
param em Camapuam desalentadamente,
vem a imagem buscar uma turma luzida,

que, entre festas e gaudio, ás minas a conduz:
e doando o Bom Jesus á Cuyabá virente,
a linda Cuyabá consagra ao Bom Jesus!

III

A heroína do Carandá

... no districto do Carandá lhes sahio hum grande tumulto de Paygoas.. Oppondosse unicamente o Pimentel na sua canoa auxiliado de Maria mullata natural do Alentejo... Morio Pimentel esgotado em sangue sustentou ainda a forte matrona por espaço de huma hora a peleja com toda a brutina furia... the que exausta do sangue passou desta a eterna vida.

(*Dos Annaes do Senado da Camara de Cuyabá, anno de 1733.*)

A Fernando de Campos

Começava a povoar-se o sertão, lento e lento.
Nas catas, a faiscar, o ouro virgem fulgia.
E abre-se nas monções, que sobem dia a dia,
a tragedia da entrada e o rude povoamento.

Eis que se lhes defronta a indomita energia
do féro payagoá, num rechaço cruento,
oppondo ao invasor a lança e o arco violento,
que da barranca a flecha irosa despedia.

E ahi, no Carandá, enfrentam-se as tres raças,
e, em pugna cimmerica, inscreve-se o tremendo
conflicto secular, repleto de desgraças.

E avulta, como á luz da ribalta eschyliana,
essa extranha Mulher que, ao morrer, combatendo,
baptiza com o seu sangue a terra cuyabana!

IV

As mulheres de Coimbra

Dentro de Forte estavam, porem, mulheres brasileiras, esposas e filhas de officiaes e praças da guarnição. Enquanto os maridos e paes montavam guarda nas muralhas, ellas passavam a noite fabricando cartuchos (Genserico de Vasconcellos: *A Guerra do Paraguay no theatro de Matto-Grosso*).

A Antonio Fernandes de Souza

Vigilia heroica a vossa, á espera do inimigo,
horas longas no Forte, alta noite velando,
como na evocação de rude quadro antigo,
apetrechos de morte e excidio fabricando!

Mãos que a esmola e o perdão sempre trazem consigo,
eil-as a preparar o embate formidando,
e, ao invés de semear o doce amplexo amigo,
no labor e na prece as vêmos se alternando ...

E enquanto a noite corre e os homens, valorosos,
quedam-se na muralha, o olhar no espaço mudo,
ellas—os corações cheios de febre e ansiosos—

mostram-nos, nesse exemplo altisono e eloquente,
que as mãos que para o amor são feitas de velludo,
são, diante do dever, de bronze resistente.

V

OS PARANISTAS

Costumão reunir-se em monções para se prestarem mutuo auxilio, gastão de descida até o — Itaituba que dista do Rio-Preto 270 leguas, cerca de 30 dias, tendo de parar embarcações por terra em diferentes lugares de cachoeiras, sendo a mais notavel a do Salto Augusto”.

(Moutinho: Noticia, pa. 213)

A' memoria de meu tio Herculano de Mesquita Moniz

I

Eil-os que vão á flor da lenta correnteza,
da leve igarité ao deslizar macio,
pelos invios sertões, dominio da surpresa,
de porto em porto, salto em salto, rio em rio.

Do sombrio Rio Preto, em temeraria empreza,
demandam Santarem, longos dias a fio,
cortando, ao sol e á chuva, o país da Incerteza,
onde com a fera ultriz alterna o indio bravio.

Já no Itaituba, ao longe, o Tapajoz gigante
canta-lhes ao ouvido, em doce melopéa,
a acenar-lhes o fim da jornada extenuante.

E eil-os vão-se, a rodar, á canção dolorida
das aguas, nessa obscura e anonyma epopéa,
tanto mais bella, quanto menos conhecida!

II

Mêses longos após, voltam os paranistas.
Tostou-os a intemperie, as febres insidiosas,
salteou-os o *pium* e as sétas imprevistas
do tapanhuna, entre as barrancas silenciosas...

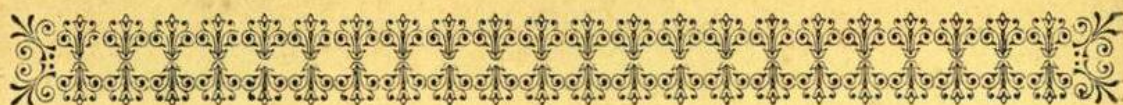
Tudo venceram e eis já lhes assoma ás vistas,
meiga, a visão do lar—mães e esposas saudosas—
para quem, quaes tropheus de lendarias conquistas,
trazem o guaraná e as castanhas cheirosas.

Ouve-se, ao longe, ecoar a buzina estridente,
e o rude e forte trom dos tiros, reboando,
repercute no valle, estridulo e fremente.

E Diamantino accorda ao rumor da chegada,
ao alacre gritar das araras em bando,
que enchem o claro céu da sua revoada...

(MCMXXVIII)

José de Mesquita



REFLORIR

Quando, por aquella linda manhã de maio, o vaporzinho apontou na curva do rio, a cidade appareceu branca e dispersa como si fosse um bando de garças mansas que estivesse pousado no alto da barranqueira, Flavio Nobre, na prôa do navio, brusco, abrangeu todo aquelle antigo panorama com a sua vista ansiosa.

Elle, a proporção que o navio se approximava, com o coração aos saltos, ia revendo a sua cidade natal.

E ella lá estava como ha tantos annos a deixara, ainda creança, por uma tarde de fogo, entre os uivos dolorosos da sua irmãinha.

O destino, com a sua força irrefreavel, impellira-o para a mysteriosa rota do mundo. Era preciso ser um homem. Era preciso realizar o desejo de sua mãe que não cansava de lhe dizer: "precisas ser um homem, meu filho". Phrase que o empolgou por muito tempo, que aguçou a sua imaginação de adolescente e impulsionava o seu espirito numa ansia desesperada de attingir a sua aspiração.

Todas essas scenas vinham á sua mente, desenrolavam-se aos seus olhos, com a velocidade de um rolo de fita que cahisse aos seus pés. Ha quanto tempo partira? Não o sabia mais. Lembrava, somente, que, quando se arremessou na desabalada conquista do seu sonho, os seus olhos eram ingenuos e o seu coração transbordava de uma infinita bondade.

Por aquella manhã voltava á terra da sua meninice.

Trazia comsigo a laurea de uma Academia. Seria vencedor? Talvez. O que elle passara, poucos sabiam. Como todos tantalizados por um grande anhelos, soffrera. Teve dias floridos e vigílias tormentosas. Teve dias de fé e de dolorosas renunciás.

Numa alternativa de saltos e tombos, um dia attingira a sua meta. E ali estava, com os olhos turvos de emoção, revendo o seu berço que elle achava tão pequeno para conter o seu grande amor filial.

Vencera? Talvez. Mas, em seu coração sentia a ausencia do alvoroço de outr'ora e em suas temporas andavam florindo os primeiros edelweiss do tempo...

Nesse balanço de sua vida mal se apercebera que o navio havia se atracado ao caes e, se enchera da onda marulhosa dos que entram a procura dos que chegam.

Lá estavam todos os parentes e amigos. Muitos abraços muita alegria. Lá vieram as primeiras perguntas, os primeiros passos para uma longa romaria de saudade. Desceram á terra. Lá estava a velha praça, ampla e deserta, com o renque dos *flamboyants* em flor.

Flavio Nobre, enfim, estava em sua terra. Cumprira um designio seu, matava a immensa saudade ao rever aquelles sitios, onde trancorrera, risonha e rapida, a sua infancia.

Mas, o tempo que amaina os nossos cabellos eriçados até tornal-os brancos, esse era inexoravel em suas obras. Das visitas que recebera, poucas pessoas Flavio Nobre ia reconhecendo. Umam estavam velhas, outras completamente mudadas. Passados os primeiros dias, rareadas as visitas, desafogado dos compromissos sociaes, começou a percorrer os bairros. Elles tinham os mesmos aspectos de outros tempos, com a sua população esquiua e, pelas estradas, perdidos, os velhos pés de tarumã.

Em casa, a cada momento, perguntavam-lhe si se lembrava daquelle quarto, daquelle quadro, daquelle canto.

Ah! se lembrava deste! Era ali que ficava o oratorio onde sua Mãe, a ultima santa que errou pela terra, levantava as suas mãos ingenuas e, tremula de pavor, lhe ensinava a resar quando das bandas do rio uivava o vento e pelo ceu corria o ribombo dos trovões, annunciando a approximação da aguas. Doce illusão que os livros mais tarde haviam, como salteadores, de matar em seu coração . . .

E o seu grande amor dos vinte annos, onde estava? Onde estava a inspiradora das suas primeiras rimas, a sua promessa, a sua esperança de felicidade, onde estava? Onde estava aquella que, por uma noite de S. João, olhando a fogueira que crepitava, lhe promettera, tremula de emoção, a sua mão, o seu destino, a sua vida?

Amores dos vinte annos! Elles duram como as fogueiras de S. João: irrompem do chão, crescem, querendo alcançar o infinito. crepitam, abrasam, mas, quando no horisonte gris se alonga a fita rosea da barra do dia, dellas só existem cinzas que o vento leva . . . Flavio Nobre era um ciliciado.

A sua terra era agora uma Palestina evocativa. Era preciso, entretanto, recomeçar a lucta pela vida, partir, esquecer.

Um dia, promptas as malas, chegou á janella. A tarde morria como uma pomba. Olhou com saudade aquelle panorama triste.

Um terror intimo invadiu a sua alma ao pensar que, talvez, era a ultima vez que via a sua terra. Os seus olhos humedeceram. E, atravez daquella neblina recordativa, elle sentio passar, como numa cavalgata phantastica, o tropel dos seus sonhos, dos seus desejos, das suas esperanças, o instantaneo fulgor de uma vida morta, o reflorir das suas crenças.

Oscarino Ramos



Paginas dos Mestres

A rebenqueida

(Rhapsodia)

(1912)

Afinem outros a lyra na musica da poesia, para devanear sobre as creações harmoniosas, que, desde a Illiada até Os Tamoyos, desde Magalhães até B. Lopes, captivam a imaginação dos vates.

A mim só me restam as cordas asperas da prosa, onde entoar em accentos sem rithmo nem rima como o meu assumpto, os applausos da nossa gratidão ao novo instrumento de reinado, pelo qual Homero teria trocado com orgulho a lança de Achilles e o sceptro de Agamemnon, se lhe fosse dado adivinhar, nos assombros, a que ora assistimos, do Panurgio brasileiro, a invenção bucolica do governo das grandes familias humanas a taganços e aguilhadas.

Se o Boieiro e a Ursa estão resplandecendo entre as constellações do firmamento, não será justo ver baldada a diligencia dos Seabras por engastar no empyreo o rei dos ursos ensinados, nem que a nossa manada não ache entre as estrellas um logar para o seu tropeiro.

Maldita a modestia do Marechal, que o induziu a não dar á publicidade, a lhe subtrair, com o recato das coisas pudendas, a joia d'aquella sua inimitavel oração do Piquete, resguardada, ainda bem! de total sumiço pela chocalhice de um jornal, opportunamente indiscreto.

Se lhe não tivessem abafado os écos, a posteridade se enthusiasmaria, ao ouvil-os phonographados pela piedade dos nossos descendentes nas mais coruscantes paginas dos futuros historiadores.

Debalde se buscariam outros accentos de mais rispida grandeza na furia militar, que assombra e leva de rastros ao chão a paizanada. Nem Henrique IV na manhã da batalha de Coutras, Bonaparte mostrando ao exercito da Italia, do alto dos Alpes, as mais ferteis planicies do mundo, ou Canrobert arrastando os seus zuavos ao assalto de Zoatcha.

Bem mais facil era arrebatat o animo a tropas em marcha nos desertos de um paiz mysterioso, evocando-lhes aos olhos quarenta seculos de antiguidade alli debruçados para ellas do alto das pyramides do Egypto, que elevar, num poema triumphal de quatro palavras, aos cimos da eloquencia da força o tacão da bota e o rebenque.

Muitos se horripilam com a comesinha imagem do tacão, onde o heroe parece baixar da sua dignidade em movimentos vulgares de sapateio frenetico sobre a esmagada vermineira civil.

Mas o rebenque, por assenso unanime de todas as administrações, vóa ás alturas épicas num surto de tom, em comparação do qual se diria tibio e effeminado na sua bravura o pennacho branco do heroe de Yvry.

Os que rebaixam essa arma flexivel da elegancia do soldado, ignoram, de certo, que com um rebenque em punho é que o soberbo e magnifico Murat se arremessa, em Ostrowno, contra os esquadrões russos, dizendo singelamente aos seus batalhões fascinados: "Quem me quer, que me siga. Qui m'aime, me sui-ve".

Já eras, pois, brazão da victoria. Só admira que tanto tardasses em te ver alçado a senha de partido, emblema de auctoridade e sceptro do poder. Os sceptros dos reis eram de oiro e marfim. Não quadravam ao severo estoicismo das nossas democracias. A pelle do boi, o umbigo do toiro e o coiro da anta lhes vieram fornecer a substancia rija, de que te entrançam; e encostado em precioso metal, ornas o gesto dos bravos ou floreias no ar a rábida ameaça de Mavorte.

Quando a nós te annunciaste pela bocca do Marechal num lampejo de cólera, ninguem imaginava que essa fulguração das suas iras bellacissimas envolvesse prophacia tamanha, e que um nome de impressões tão desagradaveis á nossa derme, contivesse nas suas oito letras a escala de todos os matizes do nosso destino.

E' que os vêzos anarchicos de quinze annos de republica parlamentar, nos haviam obliterado o verdadeiro senso da philosophia humana. Aliás teriamos comprehendido que pela primeira vez a ordem e progresso da nossa bandeira haviam revestido uma expressão de soberana verdade. Porque, distribuindo-se a immensa jerarchia dos entes sensitivos, toda ella em zurzidores e zurzidos, zupados e zupadores, o açoite ha de ser, necessariamente, a formula activa de toda organização social bem constituida.

A synthese inteira de nossa tradição está na na senzala, no eito e no bacalhau. A abolição não extinguiu o vergalho; substituiu o imperio material pelo dominio moral do azorrague estendendo ás duas raças os beneficios da instituição genetriz mãe da nossa prosperidade.

O preconceito branco de que o regimen do látigo vilipendia e envergonha a especie humana, levou-nos a engenhar uma constituição com todas as manigancias do mais fino liberalismo. Mas o amor do rêlho, que havíamos contrahido, vergalhando os nossos semelhantes, começou a se empregar em nós mesmos. Apenas se mudaram os nomes á coisa d'eslocando-se, no seu objecto, o systema, e alterando-lhe a maneira de funcionar. O paiz que se dividia em livres e escravos, passou a discriminar-se entre militares e civis.

Alguns milhares de proprietarios zorraram então a dois ou tres milhões de filhos d'África ou descendentes de africanos. Hoje mil e oitocentos e sessenta e cinco officiaes do exercito, com dez mil lorarios de uniforme e facão, zimbram a vinte milhões de brasileiros. O chicote passou apenas das mãos do feitor ás do soldado.

Bemdicto o homem que soube despir de ridiculos biôcos a evolução sociologica do tagante. Deus tenha na sua misericordia até á decima geração o apostolo e rei do chambuco. O Senhor lhe deu num relance a intuição da nossa indole e a visão do nosso porvir.

A Religião da Humanidade erigiu estatuas nas nossas praças ao primeiro marechal que nos varou a rebem. Carrara não terá marmores que bastem, nem o mundo bustuarios que cheguem, para a glorificação do soldado de ferro que nos submetteu definitivamente á politica do coiro.

Sem exercitos de cossacos, nem seculos de czares, quinze mezes do peso da sua mão nos deram, com as graças da côr local, o knut nacionalizado em pirahi.

Não sejam tão mimosas nossas epidermes, que se arrepiem e arresinem com as escorchaduras da taca. Por ella é que o gado barbatão e a bestaria chucra entram aos prazeres da vida civilizada.

O bruto sempre se assusta, ao encetar a experiencia dessa educação, quando a trança carinhosa do pingalim lhe começa a a roçar o lombo desacostumado.

Mas bem depressa essas tremuras, esses sobresaltos, esses calefrios de medo cedem ao gosto daquelles affagos, em que o temperamento mais ou menos vibratil do automedonte ou do ca-

valleiro põe em vivaz correspondência os movimentos dos seus nevros com o brio do animal ensinado. Então a bôa montaçã e o bom tirador começam a rejubilar, quando a ponta do estafim lhes acaricia o dorso. O pelame lhe reluz com o tratamento, as orelhas se lhe empinam, as vistas se lhe dilatam, os artelhos se lhe enrijam. A creatura sente-se integrada com o animo e o pulso do Senhor, que a fustiga. Dahi avante, se a vertigem da carreira lhe amiudar e arrispidar os golpes, pouco lhe importa que o zeribando gire iracundo a silvar, e lhe caia nos flancos em retalho. A alimaria derreada, arquejante, sente-se venturosa no cêlirio da flagellação e da corrida. Está no seu elemento. Uma sensualidade ineffavel a embriaga sob o estímulo agitante da vergasta.

Esplendida figura do Brasil novo no grande hippóromo do seculo vinte.

Um sopro intenso de emancipação varre de preocupação as consciencias e de melindres o pudor. Limpou-se-nos de escrupulos o horizonte moral. Entramos no sentimento amplo da realidade. Retovámos de bom coiro a vergonha. O taganteador e os taganteados tocam os ossos, e dão-se as mãos. Um genero de novo desporto vem incrementar o desenvolvimento da raça. Até agora a gymnastica, a esgrima, a natação, a vóga e o murro nos aceiravam os musculos, nos enrijeciam os nervos, nos dobiavam o folego aos pulmões. Dora avante a pelle, curtida a verdasca e a correia, vae receber o seu quinhão no melhoramento da especie.

Ainda bem que nesta reabilitação da surra nos cabe a honra da iniciativa, e de tal honra o merecimento pertence todo ao marechal, o grande taganteador, o abençoado flagello da patria. Varejada pela sua chibata, ella lhe agradecerá os lanhaços. Desquadrilhada e reduzida a pannos de agua e sal, o seu reconhecimento orçará pela ternura. Dessa prova sahirá o paiz vindouro, athletico e agigantado como esses hercules de jacarandá, monstros negros do trabalho, orgulho outr'ora dos nossos cafezaes. Ninguem se corra dessas cicatrizes Não se envergonham os filhos das cipoadas e varadas paternas. Os servos de Deus se extasiam nas disciplinas, que da sua propria devoção recebem humilhados, e beijam com doçura os rodicios, que lhes rasgam as costas em carne viva. Os puros-sangues de Derby e de Longchamp, levados pela redea á raia por magnatas da nobreza e primeiros ministros da corôa, não se abatem de haver sentido zunir-lhes aos ouvidos o chambuê do picador.

Quando a soberania do carroceiro, alcandoraça na boléa desses caminhões que passam retremendo o asfalto ás nossas ruas vibra do alto o manguá sobre a parelha em desfilada, não ha brasileiro, que se não desvaneça de poder maravilhar os nossos visitantes com essas amostras da nossa pujança, disciplina e solidéz.

Sobremaneira magnanimo fostes Marechal, na inolvidavel allocução, que resume a vossa verdadeira plataforma, e nos deu a prelibar a essencia do vosso governo. Somente, não era o rebenque. mas o chiqueirá, o que ella devia ter agitado a nossas vistas. As proporções graceis e franzinas do primeiro não representam em toda a sua intensidade a massa do vosso poder. O chiqueirador, sim, o zorrague, o vergalhão na sua rudeza nativa, esses é que constituem os symbolos reaes da nossa independencia, da nossa liberdade e do nosso nacionalismo, cujas bellezas o rebanho dos brasis se envaidece de contemplar encarnadas na vossa curta, mas excelsa pessoa.

Haja por bem vossa Majestade Flagellante derrengar-nos mais a geito, esquadrihar-nos mais a serio, vapular-nos mais de veras, lanhar-nos mais a fundo e veja depois como a lombada se amacia e reluz a toda essa manada cabisbaixa e submissa, como essas rezés humanas lambem, todas, as mãos a Vossa Majestade.

Com a Bahia bombardeada, incendiada, arruinada, roubada, anarchizada, seabrizada, guindou-se Vossa Majestade Lategante á eminencia desses torturadores providenciaes, que veem do céu e espantam a terra, de um desses castigos historicos enviados a regenerar povos, de uma dessas habenas vivas sacudidas sobre os homens pela justiça de Deus.

Entre as outras cabeças chismadas pela admiração dos contemporaneos Vossa Majestade se verá designado ao assombro dos tempos como o Surrador. Em boa hora a predestinação da sua vicedivindade lhe tocou nesse instrumento irrequieto das grandes toaduras o innocente bastão de Marechal. Todo o Brasil lhe está de bruços aos pés como a matilha de podengos de baixo dos olhos do matilheiro.

Bravos á insignia da realeza de Vossa Majestade! Della não se dirá, como da sua espada, que a glória lhe esteja em não haver passado pelo baptismo de sangue. Cada uma das suas vergalhadas, alacranando as carnes a victima, abre no costado nacional um sulco de carniça rechinante. Aqui a deposição de um governo. Alli a conquista de um Estado. Acolá o canhoneio de uma capital.

Por toda a parte a animação que resurge nos impetos creadores da anarchia, sob as vossas relhadas.

Não nos poupe Vossa Majestade Civilissima os gilvazes. São as veneras da nossa honra. Emquanto houver autonomias por desancar, não estará ultimada a sua missão, e o rebenque não poderá ter o começo da sua aposentadoria entre os trophéos da nossa civilização, inesgotavel em portentos. Ainda Vossa Majestade não sellou com a competente invasão "o accordo" paulista, tão habilmente jangoteado no momento do garrote ao povo baiano. E' o ensejo agora. A Bahia estrebuchou. O Barão falleceu. O Pinheiro recomeça a exultar, encantado com a correcção republicana dos Propicios. O Supremo não vale nada. Soou a hora de arrumar ao sul, á sua prudencia, á sua transigencia, á sua innocencia a sovadura de correame, a que lhe assiste direito.

Vossa Majesta Constitucionalissima não escreveria *O principe* de Machiavel, porque não escreve principes quem se saboreia no merito maior de os procrear. Ninguem perderia tempo com uma paternidade literaria, quando tem a natural. Mas, como o livro celebre do não menos celebre florentino borda na sua obra prima de joalheria politica todas as subtilezas da astucia e da força, condensadas em arte de governar, ninguem melhor do que Vossa Majestade Refinadissima lhe poderia escrever a edição brasileira, em se resolvendo a lhe imprimir o cunho patrio com uma addicção opportuna de certos capitulos sobre a guasca, a casca de vacca, o rabo de tatú e a vantagem desse utensilios indigenas sobre os seus mais famigerados similares estrangeiros, como o gato de nove caudas e outros engenhos de alta respeitabilidade na sciencia de urtigar o lombo e sarar a lombeira aos povos lerdos.

Feito isto, mostre praticamente Vossa Majestade Liberalissima, com uma das suas rutilantes lições de coisas, aos reles follicularios do civilismo, aos seus nescios politicastros, como se capoeira uma *entente cordiale* bem rasteirada com a surpresa de uma tunda ao pello das boas almas desses conciliadores, que a Vossa Majestade Republicanissima se apressaram em agradecer o restabelecimento da legalidade na Bahia.

A Vossa Majestade Honradissima lhe não dão as mãos. Depois mande arvorar o seu tira-duvidas em sueto no topo da cupola do Monroe. Como elle convizinha com o grego Sillogeu substitua-lhe o nome do estadista americano por outro, ao mesmo tempo mais classico e mais nacional. Chamemcs-lhes, se quiserem, o Mastigophoro. Era como se designava o porta-azorrague a quem incumbia a mantença da ordem nos espectaculos gregos

e romanos. Sobre este distico fulgurante, lá do alto, alli mesmo onde se reuniu a Conferencia Pan Americana, o rebenque presidencial, ostentando aos quatro ventos com o Brasil de rastos afocinhado no chão, sobranceará desdenhoso ao big-stick de Roosevelt acaçapando as duas Americas, e mostrando a Elihu Root se quem dispõe desse talisman, para fazer a policia de casa, póde ter competidores na do continente.

Assim para todo o sempre viva a nossa boiada sob a dextra de Vossa Majestade Paternalissima. E, se algum dia a brutahlhada se allucinar, chame Vossa Majestade Optimissima o seu almirante, tome-lhe umas tinturas de calabrote naval, mande formar a maruja em alas, e faça a rebelde passar entre ellas, correndo a bolina.

Ruy Barbosa



Paginas contemporaneas

Duas Cartas

Publicamos hoje nesta secção, a titulo de documentação literaria, duas interessantes cartas, a primeira dirigida pelo socio Oscarino Ramos ao Presidente do Centro José de Mesquita, a proposito dos seus versos "Rythmos Novos" e a segunda do socio correspondente Antonio Salles ao nosso confrade Cesario Netto, acerca do seu criterioso ensaio "Na pista de Rocinante", publicado, bem como os "Rythmos Novos", no ultimo numero desta Revista.

1

Cuiabá, 10 de Setembro de 1928

Mesquita,

Hontem, á noite, cheguei da minha fanada "Rosa do Norte". Vim com o coração oppresso, attendendo a um chamado de Dulcidia que me communicava doença na criança. Felizmente, penso que a molestia é coisa passageira, sem gravidade. Essa minha viagem precipitada deu-me ensejo de ler, gulosamente, a nossa "Revista". E ao acabar a sua leitura, pela rama, não posso deixar de externar o meu grande enthusiasmo e emoção que os seus "Rythmos Novos" me produziram.

Os assumptos felizes, manejados pela mais ampla inspiração do seu genio! Não sei qual citar, tal a perplexidade que ainda me chumba... "Minas"? "Sevilha"? Sim: "A minha festa de São Luis". Prefiro dizer-lhe que, por assim dizer, gostei mais desta.

De um ramalhete de lindas flores, demoro-me mais a aspirar o perfume velho e conhecido desta sangrenta flôr de saudade... Você contou a historia de todos nós que passamos pelo Collegio S. Gonçalo. Historia linda, recuada ha quasi um quarto de seculo da nossa vida, quando, num dos momentos mais felizes da minha existencia, reecentamos a nossa bôa e atavica amizade,

na silenciosa e antiga Rua Nova. Amizade atavica, digo bem porque ella vem dos nossos inesqueciveis Paes.

Cotejei as poesias dos seus "Rythmos Novos" com as outras citadas pelo Virgilio e Franklin nos estudos que fizeram sobre as suas obras poeticas. Sem nenhum vislumbre de desdouro para o seu parnasianismo, francamente, freneticamente bato palmas ás ultimas tendencias do seu grande espirito. Sinto que você, desembaraçado do cipoal das rimas, e principalmente do sapato chinez que são os 14 versos do soneto, é vigoroso e grande no se expressar.

Lendo as suas poesias modernas, tenho a sensação de estar muito perto de possante pharol, cujos jactos multicores cada vez que brilham aos meus olhos me cegam. Antes de terminar estas linhas escriptas sómente para enviar-lhe os meus applausos pela deliciosa emoção que me causaram as suas novas producções, eu quero consignar uma antiga observação que eu fazia sobre as suas poesias.

De você eu fazia a mesma idéa que Murat tinha de Luiz Delfino. Criticando o poeta por se apegar muito ao soneto, elle dizia: "Nem sempre o poeta possui a mesma impetuosidade, o mesmo arroubo, ou se mantem na mesma culminancia. Arroja-se com um vigor assombroso, rebate o espaço tumultuosamente; transvôa os vertices alcantilados, chega a parecer que vae engastar-se como um astro em um dos aros da esphera, mas, de repente, hesita, titubêa, reforça, debalde, o remigio, e, sem embargo de sua possante envergadura, rola do apice fabuloso, com que entestara, num assomo titanico, para complanar-se, dahi a pouco, com o terreno, descaravel ao plectro."

Você, eu sentia, estava neste caso. Agora não.

O seu remigio é fulgurante. O seu rumor atordôa e fulmina. Você é um bello espirito da sua época. E' uma gloria para as nossas lettras (onteiraneas, honra a poesia brasileira e é um orgulho para os que, como eu, se desvanecem de ser seu amigo.

Oscarino

II

Fortaleza, 28 Novembro, 928

Presado conf^e Sr. Cesario Neto

Faço-o meu intermediario para enviar á redacção da Revista do nosso Centro a noticia junta que dei da dita Revista no Correio do Ceará.

Como verá dessa noticia faço especial menção do artigo em que sua penna vigorosa e justiceira se ergueu como uma espada para defender a memoria de Machado de Assis.

Tambem eu me indignei e protestei; não em artigo, mas em carta dirigida ao Secretario administrativo da Academia e redactor da Revista, o meu amigo Dr. Fernando Nery.

Por signal que meu protesto teve a virtude de despertar a consciencia da redacção da Revista, determinando-a a suspender a publicação dessa verrina em que um velho bohemio carregado de vicios e peccados injuriou o nome de um dos homens mais puros e melhores que tenho conhecido. Conheci de perto o Mestre incomparavel, com quem convivi durante varios annos, diariamente, na redacção da Revista Brasileira e na Livraria Garnier, e posso jurar que elle era um modelo de bondade, de probidade e de polidez.

Como é que a Revista da Academia consentiu que esse diabo velho de Murat se servisse de suas columnas para insultar o Machado é o que não posso comprehender.

Receba meu abraço de parabens pela sua nobre attitude, que tanto o honra.

Eu desejaria fazer aqui alguma coisa pela Centro. Mas o que? Mandar livros? Diga aos nossos confrades que me orientem e se sirvam com franqueza de meus pobres prestimos.

A todos os do Centro meus fraternos abraços.

Antonio Salles

Páginas Esquecidas

CURUPIRA

(LENDA CUYABANA)

I

Ao observador que percorrer os arredores de Cuyabá, em extremo impressionará o modo porque foi excavado e revolvido todo o terreno em que assenta aquella sympathica e distante capital. E não só esse, porém ainda o que a rodeia leguas e leguas, bem como os quintaes das suas casas, e as ruas até aonde não chegou ainda o detestavel calçamento, de que lá se usa. Parece que não houve palmo de terra que não tivesse sido esquadrinhado, pedra que ficasse sobre pedra.

E aquelles buracos, regos e socavões, a que fantasiada imaginação imprime caprichosas formas, mais ou menos lembram fauces escancaradas de monstros desconhecidos, ou entranhas descommunaes, em cima das quaes houvessem tripudiado legiões de feras.

Onde, porém, o espirito positivamente se sente acabrunhado, é quando, ás horas melancolicas da tarde, pousam os olhos nas excavações que circumdam a igreja de Nossa Senhora do Rosario, cujo altar-mór, segundo tradição antiga, se ergue sobre preciosissima jazida de ouro.

Mais do que em qualquer outra parte, tudo ali nos abala ao evocarmos, na solidão daquelles lugares e sob os braços estendidos de enorme e negro cruzeiro, as lendas que a elles se prendem.

Daquelle açude, vestigio do antigo tanque do *Arnesto* nas denominadas lavras do Subtil, por haverem

sido propriedade de Miguel Subtil, natural de Sorocaba, de aguas barrentas com tons avermelhados a relembrarem sangue, como que surgem lamentos dos espectros que povoam as narrativas populares, confundidos com os gemidos das aves nocturnas e agoureiras, pousadas nos contorcidos galhos de uma anosa lixeira.

E tudo allí é sombrio, naquelle silencio sepulchral, em que se aviva a lenda da *Curupira* e de sua *alavanca de ouro*, que se entranhava pela terra a dentro, quanto mais cubiça despertava, quanto maior era a ancia de arrancal-a...

II

Caíam a pino os raios do sol illuminando o fundo da enorme excavação, em que se esforçavam miseros pretos africanos, cobertos de suor, arfando de cansaço e oppressão, e obrigados ao herculeo serviço pela intensa febre do ouro.

Nada mais eram do que simples instrumentos, e os seus possantes braços erguiam pesados alviões de ferro, a perseguirem a *alavanca de ouro*, que devia rasgar o veio inexgotavel e cubiçado e pela posse do qual tanto anhelava o poderoso senhor, sob cujas vistas trabalhavam.

E os dias se passavam, forçado cada qual a apañhar mais e mais ouro, á medida que se adiantava a excavação.

Era o calor insuportavel.

Um dos pretos subindo á bocca do poço, topou com uma india esqualida e velha, de pelle toda enrugada, olho esbugalhados e labios crestados de seccura, a ponto de não poder fallar.

Vendo-o, estendeu-lhe a mão, apontando depois para um riacho que por perto corria.

Soccorrida a tempo e reanimada, com phrase cortada agradeceu ao pobre escravo e accrescentou « Vae, filho, o teu serviço será de hoje em adiante menos penoso. Quando algum dia sentires, ao cantar a anhúma, cahir sobre a tua cabeça um pedaço de metal da tua côr, corre, sóbe, galga o fosso em que trabalhas, e lembra-te do bem que me fizeste agora.»

Gritos e ralhos esperavam o caridoso preto, «me-recidos pela grande malandrice.»

Quando, entretanto, ao terminar o trabalho se recolheram as tarefas, fisou o senhor surprehendido ao vêr que de todos o que mais ouro recolhera, fôra exactamente aquelle que no passeio mais se havia demorado

No dia seguinte, menos que os outros trabalhou o negro, e comtudo mais ouro que ninguem ajuntou.

E no assiduo labor ligaram-se os dias aos dias, as semanas às semanas, os mezes aos mezes.

E continuava a grande excavação, e o sol e o calor abrasador seccavam as boccas ao bater do meio dia.

Meio dia!... Cantou mysteriosa anhúma, quando mais sede tinham os pobres trabalhadores; mas um, um tão sómente, num apice galgou o fosso e mal lhe chegara á borda quando, em meio de medonho fragor, a terra convulsionada soterrou mina e mineiros.

Nem mais uma só alavanca, nem de ferro nem de ouro! nem mais um só, de tantos companheiros de trabalho!

Desmoronara-se tudo, e a terra cobrira tudo!..

Muitos annos depois, nova empreza tentou a exploração daquelle ponto, mas chegou só ás ossadas dos miseros africanos.

E junto d'ellas foi encontrada uma moeda de cobre com as quinas portuguezas, do valor de dois vintens, que a *curupira* atirara quando o calor mais excitava a sede.

Nunca, porém, mortal algum mais viu a *alavanca de ouro*, que entretanto ali existe, segundo a crença de muita gente, e como sempre affirmava o misero escravo que, por ter dado agua á *curupira*, escapara da sua vingança.

E quando eu, incredula e curiosa, pedia que me repetisse a lenda, o bom Salvador Rodrigues da Silva, me dizia: — Senhora dona, eu não vi; mas o velho preto Antonio que nunca mentia, muitas vezes me asseverou que a historia da *curupira* era tradicionalmente guardada entre os seus, por gratidão.

III

Por minha vez, conto-a hoje, com a singeleza com que m'a referio o amigo Salvador, em cujas veias ainda circulava sangue dos bondosos indios *Terenas*.

Aquelle açude lá existe, cheio quasi sempre de agua feia e suja, e a verdade é que d'elle foi tirado, de fulgurantes e lindissimos veios, muito e muito ouro. (*)

O desmoronamento das paredes da immensa excavação é sabido que matou muita gente cujos ossos foram encontrados muitos annos depois; e o correjo onde, segundo a lenda, foi o preto buscar agua, e por onde n'aquelle tempo alli chegavam canôas, é o mesmo que diminuido, esgotado de forças, se prolonga pelo centro da rua que lhe conserva o nome de *correjo da prainha* e vae depois morrer no rio Cuyabá.

Maria do Carmo Mello Rego

(*) Em 1722 fundou-se o arraial (origem da cidade de Cuyabá), na paragem chamada *Lavras do Subtil*, onde, segundo a tradição tiraram-se em um mez 400 arrobas de ouro, só no lugar do tanque do *Arnesto*, perto da actual igreja do Rosario. » (Leverger)

PAGINAS DOS NOVOS

Trechos de um discurso

Mas, meus senhores, a despedida é sobretudo nossa. Cerca de cinco annos aqui batalhamos com a crença nos mesmo ideaes e a fé nas mesmas esperanças. Por cinco annos viveram nossos corações irmanados, participando das mesmas alegrias, pulsando nas mesmas emoções, vibrando aos mesmos enthusiasmos: Cinco annos sentimo-nos juntos vicejar quaes ramos do mesmo tronco, acalentados pelas mesmas brisas, varridos pelos mesmos temporaes, e, se a arvore deixa correr lagrimas de seiva, quando se lhe separa um galho, como não doerá a nós, que somos humanos, ao vermos desagregar-nos a força imperiosa do destino? Porventura não sentiremos saudades dessa lealdade com que sempre nos distinguimos, dessa solidariedade que nos fez fortes, dessa disciplina que nos tornou queridos, desse respeito mutuo a que nos acostumamos?

Por certo que sentiremos e muito, e a tal grão que a alegria da victoria quasi se empallidece por completo pela tristeza do adeus. E é bem para se ter saudades, porque um ambiente tão puro, em que rescendem essas essencias paradisiacas, bem difficilmente lá fóra encontraremos. O que vem ao nosso encontro, por certo, e de que só a experiencia da vida nos ensinará porque na escola nem se lhe sonhou a existencia, é a peçonha da lisonja, é o virus da mentira, é o morbus da deslealdade, é a ambição deslavada, é o odio acirrando a vingança, é a vingança obscurecendo a razão. O que nos espera lá fóra ao invês de ser um refflorir de esperanças é um rosario de incertezas, ao in-

vês de illusões douradas para povoarem o espirito é a realidade dura que maltrata o corpo e deixa a alma coberta de mazellas. Ao invês de recompensa das noites de vigílias e das privações diversas que o nosso curso exige, nós receberemos a preferencia dada a profissionais estrangeiros, a concorrência desleal e deshonestas dos adventicios, porque, senhores, infelizmente, a nossa profissão não possui leis que a amparem e, nem tampouco, uma sociedade organizada que demarque os seus limites e erga atalaias para protegê-los.

Mas, meus collegas, por isso mesmo que são duros os tropeços da nossa jornada e enorme a escalada que temos a empreender, devemos nos esforçar para que continuemos embalados por esse ideal que sempre nos animou; ideal que não deve desfallecer, porque somos parte de uma raça forte, porque somos membro de um povo na flôr dos annos, porque, senhores, resplandece em nossos peitos a imagem sagrada da patria brasileira com todo o esplendor do seu sol tropical, a caldear nos o sangue e a nos impulsionar para a vida. Desvencilhemo-nos, collegas, das mesquinhas da vida material que por acaso nos queiram arrastar e transportemo-nos ás regiões sublimes onde mora o ideal, com o seu cortejo de flôres e risos, que embevece, alenta e dignifica.

Ainda vos direi, meus caros collegas, que se ao terminarmos o nosso periodo academico e quando a escola nos restitue aos lares, engalanados pela victoria, confiante na acção que desenvolveremos em prol da Patria no mistér a que ella nos preparou, com toda esta solemnidade, em meio deste fremito de entusiasmo e alegria de paes, esposas, noivas e irmãos que nos esperam para nos dar o abraço da consagração, nós sentimos e curtimos as maguas trazidas pela separação; porque não nos será permittido conjecturar sobre a dôr daquelles que não têm a dita de possuir

nem os desvelos de mãe, nem as caricias de esposa, nem as meiguices de noiva, nem os affagos de irmã e nem sequer, um punhado do solo patrio, onde possam ajoelhar em preces, falar a sua lingua, sentir o contacto do seu povo, viver em meio dos que lhes são caros? Porque não nos lembrarmos daquelles que soffrem as agruras e cruezas da nostalgia no exilio, se é proprio da mocidade a selvageria de independencia e a nobreza de gestos? Pensando nisso tudo, neste nosso dia, é que me não pareceu demasiado manifestar os nossos anhelos para que o Brasil tenha em breve o seu dia de redempção; dia em que possa, debaixo desse céu de anil, tremular sem maculas a bandeira branca da Paz, restituindo aos lares saudosos, filhos, paes e irmãos; congraçando todos em torno dos mesmos ideaes republicanos; unindo num fraternal amplexo todos os brasileiros sem odios nem resentimentos; juntando as actividades todas no trabalho proficuo pela grandeza e prosperidade desta Terra; dando-nos, assim, ensejo de um dia exclamar entre jubilo e ufania: Ser brasileiro é ser feliz!

Foi o que eu pude dizer.

João Ponce de Arruda



RELATORIO

DO

Anno Social 1927-1928

apresentado

PELO PRESIDENTE DES. JOSÉ DE MESQUITA

em sessão de 16 de Setembro de 1928

Consocios e Amigos:

Nesta grata ephemeride, assignaladora do 7º anniversario da installação do "Centro Mattogrossense de Letras" cabe-me, em virtude de dispositivo regimental, trazer-vos, em rapido retrospecto, a resenha dos trabalhos executados durante o ultimo periodo annuo.

E o faço com a mais viva satisfação, tanto mais quanto se averigúa, através dos dados que vos serão apresentados, continuar em franco progredimento o gremio que, em bôa hora, fundára um pugillo de homens de bôa vontade, no intuito unico de congregar os elementos da intellectualidade patricia, contribuindo dest'arte para a elevação da cultura mattogrossense.

Socios Fallecidos

Duas vezes a morte veio desfalcar as nossas fileiras, já quasi ao terminar do anno social que hoje se encerra, roubando-nos dois prestimosos correspondentes—o Doutor Abdias Neves, de Piauhy e o Doutor Tancredo Leite do Amaral Coutinho, de S. Paulo.

O primeiro era uma figura de grande actuação no mundo intellectual e politico do Norte e fôra proposto e eleito para correspondente do "Centro" em Teresina, em sessão de 5 de Dezembro de 1926, tendo, em expressiva carta, accettato a investidura alludida, chegando a enviar-nos interessantes trabalhos seus pertinentes á vida daquelle progressista Estado nortino.

O segundo ha mais tempo era dos nossos.

Admittido em sessão de 11 de agosto de 1925, tendo sido proposto a 11 do mês anterior, Tancredo Amaral, que era de linhagem matto grossense, filho de cuyabanos, considerava-se, pelo coração, conterraneo nosso, taes os liames affectivos que o prendiam á nossa gente e á nossa terra.

Formado por duas escolas—a Normal e a de Direito—foi, primeiro, membro do magisterio e, ao depois, da judicatura paulista, aposentando-se, vai por 5 annos, como Juiz de direito da Comarca de S. Izabel.

Incursionou pelo jornalismo e pelas letras, tendo publicado varias obras didacticas e literarias, que S. Blake regista em seu precioso Diccionario Bibliographico Brasileiro.

Ao registrar-lhes o desapparecimento, é com vivo pesar que aqui deixo externada a nossa magua pela perda desses dois dedicados companheiros de ideaes.

Socios novos

Para compensar taes perdas, foi accrescido o quadro social, no anno extincto, com a proposta dos nomes dos conhecidos belletristas Generoso Ponce Filho e Severino Ramos de Queiroz, para correspondentes no Rio de Janeiro e Tres Lagoas, respectivamente.

Nomes assás creditados entre a mentalidade de nossa terra, excusa encarecer o valor da aquisição que representa para o "Centro" a sua feliz escolha para nossos representantes fóra da séde.

Festa e Conferencia

Não teve prosequimento este anno a serie de elogios patronicos que vem sendo levada a effeito pelo "Centro", devendo-se essa interrupção á circumstancia da ausencia ainda ccontinuada do socio João Barbosa da Faria,

escalado para fazer o estudo acerca do Visconde de Taunay.

Realizou o "Centro", em compensação, tres festivaes, todos de elevado objectivo e corôados de completo exito: — o primeiro, a 28 de Dezembro de 1927, em homenagem á memoria de Olavo Bilac e Nuno de Andrade, constante de escolhida parte musical, declamação de poesias do glorioso poeta da "Via lactea" e uma primorosa conferencia sobre o brilhnte autor dos "Contos e chronicas", feita pelo nosso confrade Isác Povoas; e segundo, a 26 de Março do anno corrente, consistente na inauguração do retrato do Padre Ernesto Camillo Barreto, patrono da cadeira nº 5, offerecido pelo occupante da mesma cadeira Ovidio Corrêa, e destinado a iniciar a galeria dos patronos do "Centro"; e finalmente, o terceiro, effectuado a 24 de Julho ultimo com o valioso concurso dos Gremios "Julia Lopes" e "Castro Alves", em beneficio do Hospital de Lazaros desta cidade.

Hora literaria

No decurso do anno social levámos a effeito duas interessantes tertulias, a 15 de Janeiro e 17 de Junho, nas quaes tomaram parte, lendo trabalhos de sua lavoura, alem de socios do "Centro", alguns do "Gremio Castro Alves", a esperançosa sociedade de jovens que já tanto vem fazendo pelo desenvolvimento intellectual da nossa mocidade.

Revista do "Centro"

Já se acha distribuido o XIV nº da nossa Revista, com o qual completou a mesma o seu 7º anno de publicidade, continuando a sua impressão a ser fei-

ta nas Officinas Salesianas, de maneira bastante satisfatoria e com toda a regularidade.

Bibliotheca

Para um total de 871 obras e 1194 volumes que apresentava a 7 de Setembro do anno p. p., accusa hoje a nossa bibliotheca a somma de 935 obras e 1259 volumes, havendo, portanto, attingido a 64 o numero de obras adquiridas, das quaes 23 por doação, e 41 por meio de compra, utilizando-me para tal da verba de 300\$000 que ficou, por deliberação da casa, destinada a esse fim. Continua a exercer o cargo de Bibliothecario o nosso confrade Antonio Fernandes de Souza e o de zelador da séde e bibliotheca o sr. Joaquim Monteiro de Mendonça.

Sessões

Realizou o "Centro", no decurso do anno, 6 sessões, nos meses de Setembro e Dezembro de 1927, Fevereiro, Março Junho e Agosto de 1928.

Na ultima, a 14 do predito mês, foi eleita a Directoria que, de accordo com os Estatutos, hoje se empossa nas suas funções administrativas.

Relações officiaes

As relações do "Centro", quer com os Poderes Publicos, quer com as sociedades congeneres do país, mantiveram-se as mesmas já assignaladas em meus anteriores relatorios.

O intercambio de publicações vem sendo mantido com regularidade, enriquecendo dia a dia a nossa bibliotheca de novos e valiosos elementos de estudos e pesquisas.

Finanças

Si não é dos mais lisonjeiros, não é também de natureza tal que inspire apprehensões, o estado das finanças do Centro.”

A verba com que o Estado auxilia a publicação de nossa Revista vem sendo mantida e paga, achando-se consignada no orçamento para o exercício vindouro de 1929.

Por intermedio da Thesouraria, dignamente confiada ao-nosso confrade Cesario Prado, apresentou o zeloso Procurador, Sr. Benedicto A. Lodom, o balanço annuo, acompanhado dos respectivos documentos de receita e despeza.

Pelo mesmo vereis ser, presentemente, de dois contos setecentos e vinte e um mil setecentos e quarenta e dois reis (2:721\$742) o saldo a favor do “Centro” representado pelos depositos de 530\$392 no Banco do Brasil e 374\$392 na Caixa Economica, existindo em caixa a quantia de 1:816\$630.

Conclusão

Com estas informações, que a premencia de tempo me obrigou a tornar mais succintas que de costume, penso haver dado conta do periodo directivo que hoje expira, durante o qual me coube a honrosa investidura, pela vossa generosidade tantas vezes renovada, de Presidente deste “Centro.” Agradecendo-vos, mais uma vez, esta dignificante manifestação de confiança, devo declarar-vos que espero continuar a merecer o vosso efficiente concurso, para orientarmos a marcha da nossa sociedade de letras sempre avante na consecução dos seus nobres ideaes. E, de par com os meus sinceros agradecimentos, é com vivo prazer que vos dirijo igualmente, nesta hora, as minhas congra-

tulações cordialissimas pela passagem de mais um anniversario do "Centro" para cujo constante evolver vos asseguro envidar todo o esforço de que é capaz a minha pequenez de elementos, apenas supprida pela grandeza dos objectivos superiores que nos illuminam, roteiam e propellem sem desfallecimentos.

Cuyabá, 7 de Setembro de 1928. (*)

José de Mesquita

Presidente

(*) Não tendo podido realizar-se a 7 de Setembro a sessão de posse, só foi o relatório lido na de 16 do mesmo mês.

Actas das Sessões do Centro

Mattogrossense de Letras

(*Continuação do numero X*)



Acta da 31ª sessão ordinaria do Centro Mattogrossense de Letras.

Aos oito dias do mez de Abril do anno mil novecentos e vinte e seis, pelas nove horas, presentes, na séde do "Centro" os socios José de Mesquita, Oscarino Ramos, João Barbosa de Faria, Antonio Fernandes de Souza, Franklin Cassiano, Cesario Netto e Alcindo de Camargo, foram, pelo Presidente do "Centro" abertos os trabalhos em sessão ordinaria correspondente ao mez de Abril.

No expediente foram lidos os seguintes officios: do Dr. Manoel Paes de Oliveira, communicando a sua posse no cargo de Secretario do Interior, Justiça e Finanças, da Academia de Letras do Paraná, da Bibliotheca Publica Pelotense e do Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas participando a eleição e posse de suas novas Directorias e do Gremio Literario Recreativo Campo-Grandense, scientificando a sua fundação.

O Snr. Presidente encaminhou á respectiva Commissão as propostas de varios nomes de socios correspondentes, nos Estados e nos municipios e deu conta á casa de diversas providencias administrativas tomadas pela mesa. Resolveu o Centro adiar para 25 do corrente a 4ª hora literaria e promover para 30 de Maio vindouro a commemoração ao sesquicentenario da morte de José Barbosa de Sá, — o primeiro chronista cuiabano, patrono da cadeira occupada pelo socio Dr. Manoel Paes.

Foi constituida uma Commissão, da qual fazem parte os socios Barbosa de Faria, Alcindo de Camargo e Antonio Fernandes de Souza para em nome do Centro convidar o Exm. Snr. "Dr. Manoel Paes de Oliveira a fazer naquella festa o elogio academico do seu patrono. A sessão foi encerrada ás onze horas, lavrando eu, Oscarino Ramos, a presente acta por designação do Snr. Presidente, por não estar presente o Snr. 2º secretario.

José de Mesquita
Oscarino Ramos
Cesario Neto
Alcindo de Camargo
Franklin C. da Silva
Antonio Fernandes de Souza
J. Barbosa de Faria
Palmyro Pimenta

(Reproduzida por ter sahido incompleta)

Acta da 32ª sessão ordinaria do Centro Mattogrossense de Letras

Aos trinta dias do mez de Maio do anno de mil novecentos e vinte e seis, pelas nove horas, em sua séde social á rua treze de Junho, com a presença dos socios José de Mesquita, Palmyro Pimenta, Oscarino Ramos, João Barbosa de Faria, Cesario Neto, Franklin Cassiano da Silva, Antonio Fernandes de Souza e Alcindo de Camargo, e sob a presidencia do primeiro, realisou-se a trigessima segunda sessão ordinaria do Centro Mattogrossense de Letras, correspondente ao mez de Maio do anno supra mencionado.

Depois de approvada a ultima acta, foi lido pelo Secretario o expediente constante de um officio da Assembleá Legislativa, communicando a eleição da Mesa e installação dos seus trabalhos ordinarios; um outro da Directoria Geral da Estatística, solicitando informações acerca do Centro, duas cartas officiaes da Academia Brasileira de Letras, uma solicitando um auxilio para a erecção do monumento a Machado de Assis e outra accusando o recebimento do numero nono da Revista do Centro de Letras; e, finalmente, um telegramma da Commissão Promotora da commemoração do Centenario do Bispado de Cuyabá, convidando o "Centro" a se fazer representar na alludida commemoração a effectuar-se solememente no Rio em Julho proximo entrante.

Pelo socio Cesario Neto foram offerecidas á Bibliotheca do "Centro" as theses que apresentou ao concurso de Portuguez do Lyceu Cuiabano.

Na parte deliberativa da sessão foram tomadas as seguintes providencias: votação e approvação unanime do parecer da Commissão de admissoes favoravel á acceitação dos nomes dos Senrs. Prof. Francisco Ferreira Mendes, Glycerio Póvoas, P. Ezequiel Fraga e José Bonifacio de Albuquerque para socios correspondentes, respectivamente, em Rosario Oeste, Ponta-Porã, Araguaya e Miranda, designação do dia 20 de Junho entrante para a quinta hora litteraria, autorização á Mesa para attender, dentro das possibilidades economicas do "Centro," ao pedido da Academia de Letras referente ao monumento a Machado de Assis.

O Snr. Presidente, antes de encerrar a sessão, deu conta á casa de varias providencias tomadas pela Mesa e declarou que no proximo mez de Junho deverá o numero decimo da Revista entrar para o prelo de sua officina editora. Nada mais havendo, foi a sessão encerrada ás dez e meia horas. Em, Cesario Neto, secretario ad-hoc, a mandei escrever e subscrevo.

José de Mesquita
Isac Póvoas
José Raul Vilá
Oscarino Ramos
Franklin C. da Silva
J. Barbosa de Faria
Cesario Neto

Acta da 33ª sessão ordinaria do Centro Mattogrossense de Letras

Aos quinze dias do mez de Agosto do anno de mil novecentos e vinte e seis, pelas nove horas da manhã, na sua séde social á rua treze de Ju-

nhos, reuniram-se, em sessão ordinaria de eleição, os socios José de Mesquita, Barbosa de Faria, Isac Póvoas, Oscarino Ramos, Franklin Cassiano, José Raul Vilá e Cesario Neto.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior, pelo socio Cesario Neto, designado que foi para servir como 2º secretario ad-hoc, na falta do effectivo, foi accusado, no expediente o recebimento de officio dos Snrs. Francisco Ferreira Mendes, Glycerio Póvoas e José Bonifacio de Albuquerque, agradecendo a sua escolha para socios correspondentes em Rosario, Ponta-Porã e Miranda, respectivamente, e um da Associação dos Empregados no Commercio de Nazareth (Bahia), solicitando a remessa da Revista do "Centro."

O Presidente fez a leitura dos dispositivos dos Estatutos sociaes referentes ao processo eleitoral, tendo verificado haver numero legal superior a 13, que é o minimo exigido para a eleição, visto se terem feito representar, mediante mandato epistolar, os socios Carlos Borralho, Palmyro Pimenta, Philogonio Corrêa, Augusto Cavalcanti, Miguel Mello, José Magno e Alcindo de Camargo. Em seguida, foram convidados para servir de escrutadores os socios João Barbosa e Isac Póvoas, procedendo-se então ao escrutinio, cuja apuração deu o seguinte resultado: Para Presidente — José de Mesquita, 13 votos; José Magno, 1 voto. Para Vice Presidente — Barbosa de Faria, 11 votos; Ovidio Corrêa, 2 votos; João Cunha, 1 voto. Para 1º Secretario — Philogonio Corrêa, 13 votos; Oscarino Ramos, 1 voto. Para 2º Secretario — Palmyro Pimenta, 14 votos. Para Thesoureiro — Ovidio Corrêa, 12 votos; João Cunha, 2 votos. Para as Comissões: Redacção — Manoel Paes, 14 votos; Cesario Neto, 13 votos; Oscarino Ramos, 13 votos; Isac Póvoas, 1 voto; Philogonio Corrêa, 1 voto. Admissão — Carlos Borralho, 14 votos; Franklin Cassiano, 13 votos; José Vilá, 13 votos. Finanças — Isac Póvoas, 12 votos; Octavio Cunha, 14 votos; João Cunha, 12 votos; Miguel Mello, 1 voto; Barbosa de Faria, 1 voto; Antonio Fernandes, 1 voto; Cesario Neto, 1 voto.

Foram proclamados os eleitos para a Directoria e para as Comissões, os quaes, de accordo com os Estatutos, deverão ser empossadas no dia sete de setembro proximo.

Antes de encerrar-se a sessão, o Presidente nomeou, na fórma do Regulamento Interno, o socio Antonio Fernandes para substituir no cargo de Bibliothecario, o socio Alcindo de Camargo, que se retirou do Estado, tendo pedido 1 anno de licença.

Nada mais havendo que tratar, encerrou-se a sessão ás onze horas.

(a) José de Mesquita, Alberto da Silva Pereira, representando o Exmo. Senr. Presidente do Estado; J. Barbosa de Faria; Philogonio de P. Corrêa, Antonio Fernandes de Souza, Isac Póvoas, Cesario Neto, Dolôr Ferreira de Andrade, Augusto Curvo Leite, pelo Gremio Castro Alves, Orestes Miraglia, pelo Gremio Castro Alves, Benedicto A. London, Antonio de Cerqueira Pereira Leite, João Cavalliere, P. Romualdo Lettieri, Palmyro Pimenta e Oscarino Ramos.

Acta da 34ª sessão ordinaria do Centro Mattogrossense de Letras

Aos sete dias do mez de setembro do anno de mil novecentos e vinte e seis, pelas nove horas, em sua sede social, á rua 13 de Junho nº, realiso o Centro Mattogrossense de Letras a sua sessão de posse da nova Directo-

ria para servir no período de 1926 - 1927, a que estiveram presentes os Snrs. Major Alberto da Silva Pereira, representando o Exmo. Snr. Doutor Presidente do Estado, Pe. Doutor Romualdo Letieri, Vigário Geral da Archidiocese, Augusto Curvo Leite e Orestes Miraglia, pelo Gremio Castro Alves, Dr. Dolôr Ferreira de Andrade, Dr. Antonio de Cerqueira Pereira Leite, João Cavaliere, Benedicto Augusto London, e os socios José de Mesquita, João Barbosa de Faria, Philogonio Corrêa, Isac Póvoas, Antonio Fernandes de Souza, Cesario Neto, Oscarino Ramos e Palmyro Pimenta. Aberta a sessão e lida a acta da sessão de eleição, o Snr. Presidente declarou empossados em seus respectivos cargos os membros da Directoria e das Comissões: Presidente, José de Mesquita; Vice Presidente, João Barbosa de Faria; 1º Secretario, Philogonio Corrêa; 2º Secretario, Palmyro Pimenta; Thesoureiro, Ovidio Corrêa; Comissão de redacção:— Manoel Paes de Oliveira, Cesario Neto, Oscarino Ramos; Admissão:— Carlos Borralho, Franklin Cassiano e José Vilá; Orçamento:—Isac Póvoas, Octavio Cunha e João Cunha.

Nos termos dos estatutos, o Snr. Presidente procedeu a leitura do seu minucioso relatorio sobre o anno social extinto pondo os presentes ao corrente da prospera situação do Centro e dos trabalhos pelos mesmo levados a cabo no seu primeiro lustro de vida.

Ao finalizar agradeceu o Presidente a presença sobremaneira honrosa dos dignos convidados que, assim fazendo, levaram ao Centro o conforto de sua carinhosa solidariedade.

Nada mais havendo a tratar foi a sessão levantada ás 11 horas.

José de Mesquita
Ovidio Corrêa
Cesario Neto
Antonio Fernandes de Souza
Palmyro Pimenta.

Acta da 35ª sessão ordinaria do Centro Mattogrossense de Letras

Aos cinco dias do mez de Dezembro do anno de mil novecentos e vinte seis, pelos nove horas, em sua sêde social, á rua Treze de Junho, realisouse a trigesima quinta sessão ordinaria do "Centro Mattogrossense de Letras" corespondente ao mez de Dezembro do alludido anno, comparecendo o socios José de Mesquita, que presidiu á mesma sessão, Palmyro Pimenta, Ovidio Corrêa, Antonio Fernandes de Souza e Cesario Neto.

Após a approvação da ultima acta, foi lido pelo segundo Secretario o expediente que constou do seguinte:—telegramma do Presidente de honra D. Aquino Corrêa congratulando-se com o "Centro" pela sua data anniversaria; officios do Padre Ezequiel Fraga agradecendo a sua eleição para correspondente no Araguaya, do Instituto Historico e Geographico Brasileiro e do Centro de Sciencias, Letras e Artes, de Campinas, accusando o recebimento do X volume da Revista do "Centro," e da Bibliotheca Educadora Pinto Serva, de Marcelino Ramos (Rio Grande do Sul,) e da Associação M. G. de Pharmaceuticos, communicando a sua fundação e escolha da primeira Directoria; do Centro de Cultura da Mocidade, de Aracaty e do Instituto Bernardo de Mendonça, de Camaragipe, pedindo remessa de obras para a sua Bibliotheca, do Instituto Technico Industrial, do Rio, pedindo a remessa

do livro "Matto-Grosso" do socio Virgilio Corrêa Filho e da *Fox Films* pedindo o interesse do Centro pelo concurso de belleza photogenica iniciado pela mesma empreza.

Foi lida ainda no expediente uma proposta do Senr. Sylvio Floreal para correspondente do "Centro" em S. Paulo e um parecer da Comissão de admissão, opinando pela acceitação, nos termos da proposta, dos seguintes correspondentes: Gaspar Guimarães—Manãos, Henrique S. Rosa—Belém, Domingos Barbosa—S. Luiz, Abilias Neves—Therezina, Antonio—Salles—Fortaleza, Henrique Castriçiano—Natal, Carlos D. Fernandez—Parahyba, Mario Sette—Recife, Adalberto Marroquim—Maceió, Cicero Sampaio—Araçajú, Elpidio Pimentel—Victoria, Mucio da Paixão—Niteroy, Alcides Munhoz—Curitiba, Chrispim Mira—Florianopolis, João Pinto da Silva—Porto Alegre, Sebastião Fleury—Curado—Goyaz.

Passando-se á parte deliberativa, o Senhor Presidente deu conta á casa de varias providencias tomadas pela mesa do interregno desta para a sessão anterior e ficou deliberado que o "Centro" considerasse como periodo ferial o mez de Janeiro, e bem assim, que a mesa faça a nomeação de um funcionario que exerça cumulativamente as funcções de copista e zelador.

Ficou resolvido que a proxima "hora literaria" se faça no primeiro domingo de Fevereiro proximo entrante e que se inserisse na acta desta sessão, sob proposta do socio Ovidio Corrêa, um voto de pesar pelo fallecimento do socio correspondente Pedro Trouy.

Nada mais havendo a tratar, foi a sessão encerrada as onze horas.

José de Mesquita
Oscarino Ramos
Antonio Fernandes de Souza
Isac Póvoas
Cesario Neto

Acta da 36ª sessão ordinaria do "Centro Mattogrossense de Letras

Aos treze dias do mez de Março de 1927, pelas nove horas, em sua sede social, á rua treze de Junho realisou se a 36ª sessão ordinaria do Centro-Mattogrossense de Letras, tendo comparecido a ella os socios José de Mesquita, que presidiu a mesma, Oscarino Ramos, Isac Póvoas, Antonio Fernandes de Souza e Cesario Neto.

Aberta a sessão, foi, depois de approvada a acta da anterior, lida pelo 2.º secretario *ad hoc*, Cesario Neto o expediente que se achava em mesa, constante de officios dos correspondentes Elpidio Pimentel e Alcides Munhoz, agradecendo a sua eleição para representantes do Centro em Victoria e Curitiba; da Academia de Letras do Paraná e da Bibliotheca Publica Pelotense communicando a eleição de sua nova directoria; do Director de escola *Eliseu Maciel*, de Pelotas, enviando boas festas pela entrada do anno.

Na ordem do dia foi apresentada uma moção firmada polos socios presentes e expressa nos seguintes termos.

MOÇÃO

O Centro Mattogrossense de Letras tem a mais viva satisfação de manifestar ao illustre Confrade o Exmo Snr. João Cunha, os seus cordiaes sentimentos de applausos e congratulações pela sua nomeação para a pasta de Secretario do Interior, Justiça e Finanças do Estado, desejando-lhe no desempenho das importantes funcções do seu elevado cargo as felicidades de que é merecedor e o mais brilhante exito.

Cuiabá, 13 de Março de 1927.

Esta moção foi approvada por unanimidade, tendo o presidente Desembargador José de Mesquita nomeado uma commissão composta dos socios Isac Póvoas, Oscarino Ramos e Antonio Fernandes de Souza, para a levarem ao illustre socio a quem se endereçava tal moção.

Pela Commissão de Finanças foi apresentado o parecer favoravel á approvação das contas do anno p. passado, parecer que foi approvedo pela casa.

Ficou ainda resolvido que o Centro levaria a effeito um festival litero-musical offerecido ao seu Presidente de honra D. Aquino Corrêa, em regosissimo pela sua merecida escolha para membro da Academia de Letras, o qual festival se realizará no dia 21 de Maio do corrente anno. Para a organização desse festival o Presidente constituiu as seguintes commissões—programma e orçamentação: Isac Póvoas, Antonio Fernandes de Souza e Cesario Neto; convite e recepção: Oscarino Ramos, Franklin Cassiano e José Vilá.

A sessão foi encerrada ás 10 1/2 horas.

José de Mesquita
Philogonio de Paula Corrêa
Isac Póvoas
João Cunha
M. C. Oliveira Mello
José Raul Vilá
Cesario Prado
Franklin C. da Silva
Cesario Neto

Acta da 37ª sessão ordinaria do Centro Mattogrossense de Letras

Aos quinze dias do mez de Agosto de 1927, pelas 10 horas, em sua sede social á rua treze de Junho, reuniram-se os socios José de Mesquita que presidiu a sessão, João Cunha, Isac Povoas, Cesario Prado, Miguel Mello, Philogonio Corrêa, José Vilá, Franklin Cassiano e Cesario Neto, tendo-se feito representar os socios Virgilio Corrêa Filho, Oscarino Ramos, Palmyro Pimenta, Augusto Cavalcanti, Octavio Cunha e Antonio Fernandes de Souza.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, foi pelo 2º Secretario dado conta do expediente em mesa constante de cartas dos socios correspondentes do "Centro" em Therezina e Recife, senrs. Abdias Neves e Mario Sette, agradecendo a sua eleição; dos Snrs. Cicero Sampaio e João Pinto da Silva declinando a sua indicação para correspondentes em Aracujú e Porto-Alegre, tendo por isso allegado motivos razoaveis; do Instituto Historico Brasileiro e

da Academia Mineira de Letras, accusando o recebimento do nº XI da Revista; do Instituto Filologico Mattogrossense communicando sua fundação; do Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas, da Assembléa Legislativa do Estado, da Sociedade Sportiva Campograndense e do Riachuelo Foot-ball-Club de Corumbá, dando sciencia da eleição de suas mesas directivas, e finalmente um officio de Allyrio de Figueiredo candidatando-se á cadeira vaga nº 19, de que é patrono Pimenta Bueno.

Em seguida procedeu-se á eleição para a Mesa e Comissões, visto para isso haver numero legal, entre socios presentes e representados. Feito o escrutinio, verificou-se o seguinte resultado:

Para Presidente: José de Mesquita 14 votos; Barbosa de Faria 1 voto.
Para 1º Secretario: Philogonio Corrêa, 14 votos, Isac Povoas, 1 voto.

Para 2º Secretario: Cesario Neto, 14 votos; José Vilá, 1 voto. Para thesoureiro: Cesario Prado, 14 votos, Franklin Cassiano, 1 voto. Comissões — Redacção: Cesario Prado e Oscarino Ramos, 15 votos cada; Cesario Neto, 14 votos, José Vilá; 1 voto:

Admissão — Antonio Fernandes 15 votos; Augusto Cavalcanti, 14 votos; Franklin Cassiano, 12 votos; Palmyro Pimenta, Oscarino Ramos e Carlos Baccalho, 1 voto cada um; Finanças: — José Vilá e Octavio Cunha, 15 votos cada um; Isac Póvoas, 14 votos; Philogonio Corrêa, 1 voto.

Ficaram, portanto, assim constituídas a mesa e as comissões:

Presidente: José de Mesquita;
Vice-Presidente: João Cunha;
1º Secretario: Philogonio Corrêa
2º Secretario: Cesario Neto;
Thesoureiro: Cesario Prado

Redacção: Oscarino Ramos, Cesario Prado e Cesario Neto;

Admissão: — Augusto Cavalcanti, Antonio Fernandes e Franklin Cassiano;

Finanças: Isac Póvoas, José Vilá e Octavio Cunha.

Passou-se em seguida á escolha do novo socio, tendo sido eleito, por unanimidade de votos, Allyrio de Figueiredo.

O Presidente do "Centro" marcou a posse do socio eleito para 10 de Setembro proximo, designando Cesario Neto para recebê-lo em nome do sodalicio.

Para a organização do festival de posse ficaram constituídas duas Comissões compostas dos mesmos socios que se encarregam da festa de 22 de Maio.

O Presidente agradeceu a sua eleição e a dos companheiros de mesa, declarando que se congratulava com os membros do Centro pela feliz escolha que se acabava de fazer de Allyrio de Figueiredo, para socio efectivo.

Usou ainda da palavra o socio João Cunha, que agradeceu ao Centro a moção que lhe foi dirigida por motivo de sua escolha para Secretario do Interior.

A sessão foi encerrada ás 11 horas.

José de Mesquita
Philogonio Corrêa
Oscarino Ramos
Isac Póvoas
Palmyro Pimenta
Cesario Neto
Allyrio de Figueiredo

Celestino Corrêa Pina, por si e pelo Instituto Filologico Mattogrossense e pelo Gremio "Castro Alves".

Arnaldo Augusto Addôr, por si e pelo Instituto Philologico.

Francisco Mendes, por si e pelo gremio "Castro Alves"

Oreste Miraglia pelo gremio "Castro Alves" e pelo Instituto Filologico Matogrossense.

Cesario Neto



BIBLIOGRAPHIA

I

Letras de hoje

O extranho caso de Pelino Mendes - O enigma mulher

De Christovão de Camargo

COM gentil d'édica, envia-me Christovão de Camargo — nome amigo que desde estudante me acostumei a estimar — duas obras suas — *O extranho caso de Pelino Mendes* e *O Enigma Mulher*. Si o primeiro é um livro de contos, do segundo se poderia dizer que é um conto que enche todo um livro.

Christovão nos deu nestas flôres do seu talento a affirmação robusta de uma decidida vocação literaria.

Posto nem sempre de accordo com alguns de seus conceitos e, quiçá mesmo, processos, não lhe posso regatear as minhas palmas ante o magnifico triumpho que assim corôa nas letras o meu velho amigo.

O livro de contos, impresso em Paris, *chez Dupont*, é admiravel. Medeiros e Albuquerque, pelo *JORNAL DO COMMERCIO*, o qualificou como "da mais pura tradição de Maupassant".

E, effectivamente, como na obra do grande prosista francês, aqui se entrecasam as notas mais dispaes, num perfeito contraste, tal como na vida: é o humorismo do *Presente do Natal*, o tragico de *Um vulto nas trevas*, ou do *Enveloppe côr de rosa*, o enternecidamente humano de *Uma confidencia triste* e *Redempção*.

Ha vida, movimento, acção e vibratilidade nestes contos, quasi todos curtos, nervosos, impressionistas, muito ao molde da éra ruidosa do auto, do avião e do radio. Mas, a meu vêr, a obra-prima do livro é aquelle conto magistral que fecha a serie — *Senhores de engenho*, possante reconstrucção de costumes e de flagrante, sangrenta, palpitante realidade.

Mais que qualquer outro, possui o "sentido da vida". Só posso equiparar-lhe, nas nossas letras, um outro trabalho, tambem de fundo regionalista, — *Gente da gleba*, de Carvalho Ramos, o inditoso escriptor goyano arrebatado á gloria literaria em pleno apogeu. Um e outro têm o mesmo nervo, a mesma fibra, o mesmo potencial de emoção, nascido da observação dessa vida semi-barbara do sertão, onde os sentimentos se fazem forças brutas e cegas, como as da propria Natureza. Ha até nos desfechos, com as naturaes variantes que o enredo lhes empresta, uma affinidade flagrante. Este conto por si só sagraria Camargo como um vencedor.

O "Enigma Mulher" é o diario da vida de um rapaz que o Rio empolga e seduz, e acaba, saciado e enervado, abandonando tudo para apparecer, no final, "casado com uma cabocla, mulheirão anafado" e pai de seis filhos "bacorinhos remelosos e choramingões".

Eu preferiria, por mais esthetico, um epilogo como o da *Cidade e as Serras*, em que Jacintho se reconcilia com a vida e com a Natureza nos braços formosos e sadios da prima Joanninha "tão doce e risonha mãe", ao lado dos "primeiros representantes da sua abençoada triba". Mas, afinal,

tudo é da vida. Nem sempre ha Joanninhas para os arrependidos do urbanismo vicioso.

O livro proporciona ao auctor en- sejo para descripções realissimas do ambiente do Rio — 1927.

Ha de permeio bellas *boutades*, ori- ginalissimos conceitos, felizes observa- ções. S. Paulo “baluarte inquebranta- vel da nacionalidade” suggere-lhe al- gumas deliciosas paginas evocativas.

O estylo de Camargo neste livro é todo moderno e lembra Guido da Ve- rona, o novellista estupendo de *Yvelise*.

Tem *audacias verrumantes*, para servir-me de uma sua expressão.

Photographa, nua e cruamente, a realidade — a hora trepidante que pas- sa, o meio dos *dansings* e cinemas, das “mulheres sem idade” que a mo- da e a “maquillage” nivela, desnatura. E’ uma *charge* formidavel, de en- volta com uma profunda nota pessoal de ironia e compaixão.

Christovão, no interior da capa, e- numera as suas obras — algumas edi- tadas, que não conheço, e outras a seguir. Entre estas o *Evangelho das almas boas*. Esperemos que vênha, confirmando a victoria do auctor, re- conciliar-nos com a vida, de que a sua obra de agora nos dá um travo deli- cioso, mas tambem amarissimo e per- turbador. . . .

1928.

José de Mesquita

UM LIVRO DE CONTOS

A CAVALHADA

Contos mattogrossenses

José de Mesquita

Um livro de contos como eu dese- jára escrever, isto é, como quem escre- ve em prosa castiça e fluente peque-

nos poemas sobre a terra natal, sobre os nossos costumes singelos e a nossa gente amorosa, leal e bôa, acaba de dar a lume José de Mesquita.

E’ um nome este que graphamos assim despido de seus legitimos titulos de sciencia e de carreira, porque vae melhor para quem cedo colheu os louros da poesia, tomou assento no velho Parnaso com dois livros de ver- sos festejados, cada vez apura mais o elegante calamo de prosador e bem é portanto que se lhe esqueça a murça de alto juiz e se lhe decline o nome sem outros europeis, camaradamente, como de uso na república das letras...

“A cavallada” que serve de titulo ao elegante volume, impresso com ni- tidez e arte nas typographias salesia- nas e com uma suggestiva capa de- senhada por Alberto Lima, é tambem um conto, o primeiro, mais propria- mente uma linda novella bordada ao redor de um idyllio que tem o seu commovente epilogo ao correr de um desses jogos tão do agrado dos nos- sos avós como hoje ainda o são, in- felizmente, as tradicionaes touradas, atavica sobrevivencia, reminiscencias ancestraes de iberos semibárbaros...

Isto pouco vem a peilo. O que nos agrada na novella, que pode se em- parelhar com as modelares ultimamen- te escriptas no paiz (A pulseira de ferro, por exemplo), são os retratos do galhardo Lopo e da mimosa Ignez, que não sei porque o autor teimou em graphar sem g, o g tradicional... Es- tão desenhados com flagrancia de vi- da e realidade, como typos guapos do cavalheirismo da rapaziada de outr’- oca e das meigas e pudicas damizellas que as nossas avós creavam, com re- quintes de mimo e pureza, como flô- res de não-me toques, nos velhos solares coloniaes. A descripção da corrida é viva e animada, o entreccho da novel- la bem urdido para prender com de- leite a attenção do leitor e soltar-lhe a imaginação pelo nosso passado afô- ra, tão prenhe de melhor vida social e de mais fortes e amaveis laços fa- miliares.

Todo o livro é como que um desdobrar da vida social mattogrossense desde o tempo reinicola até aos actuaes.

E' assim que o segundo conto borda o nucleo episodico, na decadencia de Villa Bella e no progresso da nossa mui amada Cuyabá, sempre em progresso, não é? — que o digam as cidades do Sul, Campo Grande principalmente ..

O personagem central apega-se ás ruínas da velha metropole dos capitães-generaes e por esse apego sacrifica a paixão, renuncia ao objecto do seu amor, só para não mudar de residencia, para não se fixar ás nossas margens e deixar as da Guaporé. Daí o titulo — "Renuncia".

Seguem-se contos da actualidade, fechando o volume o "Véu de noiva", como que num retorno ao passado, andando o enredo do conto ao lado da lenda que dá nome á formosa queda d'agua da serra da Chapada, que forma mesmo um véu mas é na imaginação dos nossos poetas...

São bem portanto, contos matogrossenses, e este subtitulo seria aliás dispensavel para nós outros que sentimos, percebemos claro o quanto o volume está referto da nossa linguagem, dos nossos hábitos, e é tão rico da alma do nosso povo como espelha os tons, a moldura e as linhas da nossa paisagem, com carinhos de filho e esmero de estheta da palavra

"Magia do luar", por exemplo, sem enredo, quasi exclusivamente psicologico, mostra-nos como que só um cuyabano, mas um patricio da gema, é que o poderia ter escripto, tão elevada, poetica, real e viva é a descripção do nosso luar, um luar cheio de lactencias irreaes, de brancuras dissolventes, de magneticas fluidezs dessa transparencia que só a athmosfera secca do nosso sertão é capaz de fazer; luar tão cheio de influxos amorosos como esse que Emilio não poudo lhe resistir a avassaladora influencia matrimonial, fez-lhe detestavel o peso da solidão e o levou a uma

decisão na verdade heroica nos dias de hoje: Amanhã peço a mão de Irene!

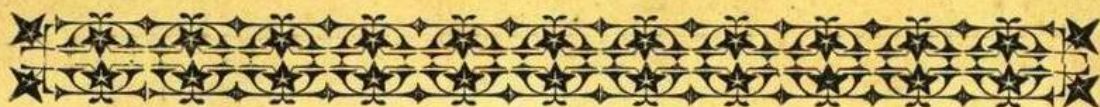
"A visão da ponte", focalisa com maestria a alma bondosa e ingenua da nossa media camada, com o subconciente forrado de sonhos sobreterrestres, de duendes imaginativos a exercerem influencias palpaveis sobre a realidade de seus passos tanto na vida como na morte.

E quer no retrato de "Tia Carola", como no "Ultimo dia mocidade", ou em "Evocação", um conto que me coube em dedicatoria, estes mais psicologicos do que regionaes, — todavia lá estão bem nítidas as cousas mattogrossenses, na descripção dos interiores domesticos, de um fim vespereal ou de uma scena qualquer do nosso dia—a—dia.

E tanto na parte do verso como nesta que se mostra em prosa, eis como a obra de José de Mesquita sempre se affirma na pureza do seu nacionalismo, do seu patriotismo sem jaça, todo elle feito, não de vãs e ôcas phrases em bombasticas declamações de tantos realejos discursivos como andam por ahi com sofrega fome remunerativa nos cambalaches eleitoraes, mas tudo embebido e vasado no amago da terra, da historia e da alma de Matto-Grosso.

Com as restricções que certo o autor me permite, sabendo como sabe das nossas divergencias de escola e de processos, tenho o livro como excelente e os parabens que lhe vão neste roda-pé tomam assim uns ares de congratulações, tanto no gremio que lhe deve a fundação e que com brilho preside, é viva, sincera a alegria pelos seus triumphos, triumphos que a critica melhor autorizada sabemos que lhe marcará.

Cesario Prado



Publicações recebidas

Recebemos e agradecemos:

I -- Livros e opusculos

A Cavallhada — Contos mattogrossenses — José de Mesquita.

Discurso de formatura — João Ponce de Arruda.

Camera — Adelino Magalhães.

II --- Revistas

Revista da Academia Brasileira de Letras — nos. 79 a 84.

Bôas Estradas — organ da Associação Paulista de Bôas Estradas — (nova serie).

Violeta — organ do Gremio Julia Lopes

Revista do Instituto Historico de M. Grosso. nos XIX — XX.

Revista da Academia Mineira de Letras — Volume V — Bello Horisonte.

III — Jornaes

A Cidade
A Tribuna } de Corumbá

Correio do Sul
Jornal do Commercio } de Campo Grande

A Noticia
Gazeta do Commercio } de Tres Lagôas

A Razão — de Caceres.

Gazeta Official

A Cruz

O Democrata

O Mattô Grosso

O Pequeno Mensageiro } de Cuiabá.

A Crysallida

A Plebe

A Penna Evangelica

O Ferrão

O Alfinete



COMPREM

NOS

ARMAZENS ARMINDO DE MATTOS

Cuiabá



Irmãos Miraglia

Casa de joias e relógios
e artigos de óptica
Officinas de relojoeiro
e ourives.

Bolsas de prata
Brilhantes mattogrossenses

Rua 13 de Junho 27

TELEPHONE 244

CAIXA POSTAL 34

Lotufo & Irmão

Com Fabrica de beneficiar
arroz e

Casa de Ferragens,
Móveis,
Artigos Sanitários etc.

Rua 7 Setembro, 1

Telephone, 275

MATTO-GROSSO

CUYABÁ